

ISSN 2448-1068

REVISTA

conexão

Literatura

Fevereiro / 2020

nº 56

Distribuição Gratuita

DICAS DE LIVROS,
CONTOS, CRÔNICAS
E MUITO MAIS



Clarice Lispector

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

FEVEREIRO DE 2020

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03

Especial: Clarice Lispector, pág. 05

Dicas de livros, pág. 07

Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 09

Artigo científico: Projeto Educacional Escolar: Político e Pedagógico!?, por Fabio Batista dos Santos, Marcos Pereira dos Santos e Bruno Augusto Carvalho, pág. 10

Artigo: No caos do mundo moderno a estrela do amor espera ser notada, por Luiza Moura, pág. 19

Artigo: A música do seu coração: Linda Juventude, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 22

Artigo: 1 Anjo Macdermot, de JackMichel, uma ode à década de 60 dedicada a Jay Sebring, pág. 26

Conto: "Desaparecidos!", por Míriam Santiago, pág. 30

Conto: "Meu patrão, o robô", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 35

Conto: "Tio Valentim", por Roberto Schima, pág. 39

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 57

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Bruno Augusto Carvalho - Fabio Batista dos Santos - Raimundo Colares Ribeiro - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Editora Orel Books - JackMichel

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

Faz um bom tempo que desejo destacar Clarice Lispector numa edição da Revista Conexão Literatura, uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Mas tudo tem a sua hora. Saiba mais sobre essa importante escritora nas próximas páginas desta edição e aproveite para conhecer as novas dicas de livros, entrevistas com escritores, contos e muito mais.

“Valorize quem te ama, esses sim merecem seu respeito. Quanto ao resto, bom... ninguém nunca precisou de restos para ser feliz.” - Clarice Lispector

Para saber como participar das nossas próximas edições, clique no link: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

— *visão* —
conexão
LITERATURA



Ademir Pascale
Editor-chefe

POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



foto: Acervo Clarice Lispector - Instituto Moreira Salles

CLARICE LISPECTOR

Por Ademir Pascale

Clarice Lispector, nascida Chaya Pinkhasovna Lispector (10 de dezembro de 1920 — Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1977), ucraniana naturalizada brasileira, é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Autora de contos, romances e ensaios, sua obra retrata cenas cotidianas simples e tramas psicológicas. Clarice declarava-se brasileira e pernambucana.

Nascida em família judaica russa que perdeu suas rendas com a Guerra Civil Russa, a família foi obrigada a emigrar em decorrência da perseguição a judeus. Passaram (Clarice, seu pai, sua mãe e duas irmãs) um breve período em Maceió, até mudarem-se para o Recife, lá Clarice cresceu. Aos quatorze anos de idade mudaram-se para o Rio de Janeiro, local em que a família se estabilizou.

Estudou Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e posteriormente foi tradutora, consagrando-se logo como escritora, jornalista, ensaísta e contista, sendo uma das figuras mais influentes da Literatura brasileira e do Modernismo.

Casou-se com Maury Gurgel Valente, isso em 1943. Sua obra "Perto do Coração Selvagem", foi muito elogiada, e foi comparada a escritores europeus, como Virginia Woolf, James Joyce, Jean-Paul Sartre e Marcel Proust, mas Clarice não gostou, dizendo não ler e nem nunca ter comprado um livro desses autores, então consecutivamente não foi influenciada por eles.

“Antes de julgar a minha vida ou o meu caráter, calce os meus sapatos e percorra o caminho que eu percorri, viva as minhas tristezas, as minhas dúvidas e as minhas alegrias. Percorra os anos que eu percorri, tropece onde eu tropecei e levante-se assim como eu fiz.” - Clarice Lispector

Faleceu em 1977, um dia antes de completar 57 anos, em decorrência de um câncer de ovário, tendo deixado dois filhos e inúmeras obras literárias composta de romances, novelas, crônicas, contos, literatura infantil e entrevistas.

OBRAS

Romance

Perto do Coração Selvagem (1943)
 O Lustre (1946)
 A Cidade Sitiada (1949)
 A Maçã no Escuro (1961)
 A Paixão segundo G.H. (1964)
 Uma Aprendizagem ou O Livro dos Pra-
 zeres (1969)
 Água Viva (1973)
 Um Sopro de Vida (1978)

Contos

Laços de Família (1960)
 A Legião Estrangeira (1964)
 Felicidade Clandestina (1971)
 Onde Estivestes de Noite (1974)
 A Via Crucis do Corpo (1974)
 O Ovo e a Galinha (1977)
 A Bela e a Fera (1979)

Literatura infantil

O Mistério do Coelho Pen-
 sante (1967)
 A Mulher que Matou os
 Peixes (1968)
 A Vida Íntima de Laura
 ((1974
 (Quase de Verdade (1978

Novela

A Hora da Estrela (1977)

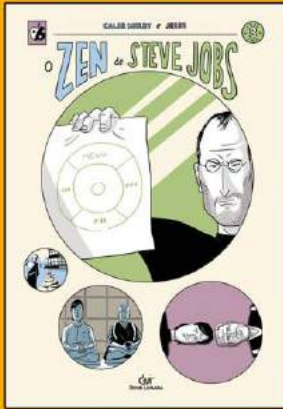
Crônicas

Para Não Esquecer (1978)
 A Descoberta do Mundo (1984)

Assista a entrevista que Clarice Lispector cedeu ao jornalista Júlio Lerner pouco antes de falecer. O especial ainda conta com depoimentos de seus admiradores. Durante a entrevista é fácil notar uma Clarice cansada e quem sabe até com depressão:

Clique sobre a imagem abaixo





O Zen de Steve Jobs
Caleb Melby e Jess

Acesse



A Metamorfose
Franz Kafka

Acesse



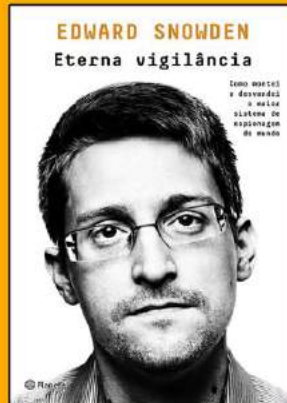
The Spirit
Will Eisner

Acesse



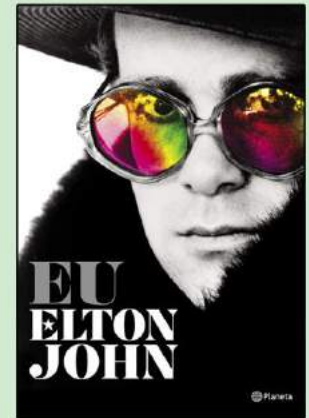
Maquiavel Essencial
200 Pensamentos escolhidos

Acesse



Eterna Vigilância
Edward Snowden

Acesse



Eu Elton John

Acesse

“Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.”
– Clarice Lispector

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





As canções do asfalto sem fim
Leo Bueno

Acesse



Café, livros e um romance
Ana Clara Silva

Acesse



O Diário de Jack, o Estripador
Shirley Harrison

Acesse



Poemas de Niterói
Marcos Jorge Nasser

Acesse



Providence
Alan Moore

Acesse



A Música do Seu Coração
Raimundo Colares Ribeiro

Acesse

“A única verdade é que vivo.
Sinceramente, eu vivo. Quem
sou? Bem, isso já é demais.”
– Clarice Lispector

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



— conexão — Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



PROJETO EDUCACIONAL ESCOLAR: POLÍTICO E PEDAGÓGICO!?

Por Fábio Batista dos Santos;
Marcos Pereira dos Santos e Bruno Augusto Carvalho

Artigo Científico

Projeto, por que (não) te quero???

Eis uma indagação de cunho deveras “provocativo”!

À guisa de esclarecimentos iniciais, faz-se mister salientar que o presente artigo acadêmico-científico, de abordagem qualitativa de pesquisa e aportes teóricos bibliográficos, tem como finalidade principal trazer a lume algumas tessituras crítico-reflexivas alusivas ao projeto educacional escolar, em específico no que tange às suas dimensões *política* e *pedagógica*; concomitantemente.

Para tanto, é profícuo definir, *a priori*, o que entendemos por *Educação* em sentido amplo, a fim de melhor compreender ao longo do *corpus* textual deste opúsculo científico os reais significados dos vocábulos projeto, política, pedagogia e projeto político-pedagógico; bem como os seus engendramentos e as suas relações didático-metodológicas no contexto do processo ensino-aprendizagem da instituição-escola.

Segundo Bueno (1966, p.1061), em termos filológicos linguísticos, a palavra “educação, em latim, vem de *educationem* que, por seu turno, surge de *educare* e este último tem sua derivação de *educere*, significando conduzir, levar”, ou ainda, “[...] eduzir, revelar valores e capacitar o espírito humano a criá-los” (MARTINS, 1993, p.8); bem como:

[...] extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na *formação do homem de caráter*. A educação é um *processo vital*, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela *ação consciente do educador* e pela *vontade livre do educando*. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É *atividade criadora*, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas *abrange o homem integral*, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É *processo contínuo*, que começa nas origens do ser humano e se estende até à morte. (BRANDÃO, 1981, p.63-64; realces nossos)

Nessa perspectiva, pode-se postular, corroborando de forma sumária com a versão teórica de Ghiraldelli Júnior (1991, p.9), que “a educação é, antes de tudo, uma prática educativa. É uma prática geradora de uma *teoria pedagógica*. A educação, ao mesmo tempo que produz pedagogia, é também direcionada e efetivada a partir das diretrizes da pedagogia”.

Assim sendo, “ninguém escapa da educação” (BRANDÃO, 1981, p.7), podendo a mesma ocorrer em vários lugares, tempos, espaços e contextos formativos, em diversos níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio – Educação Básica – e Educação Superior) e modalidades de ensino (Educação Especial Inclusiva, Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), Educação Profissional, Educação Tecnológica, etc.), de acordo com o que estabelece a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei federal nº 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), e com diferentes manifestações ou categorias na prática educativa (formal, informal, não formal, presencial, semipresencial ou híbrida, a distância *on-line* (EaD), dentre outras); conforme postulam Libâneo (1999), Melchior (2004) e Veras e Rasquilha (2019).

Embora a escola tenha, por excelência, uma função essencialmente socioeducativa (FELIZ; SANTOS, 2018), toda a organização do trabalho didático-pedagógico e metodológico inerente à mesma no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem deve estar pautada, de modo formal e legitimado, no projeto educacional escolar, ou seja, no projeto político-pedagógico (PPP) da escola.

Mas, o que se compreende por *projeto* em sentido abrangente?

Etimologicamente, o verbete “[...] projeto vem do latim *projectu*, participio passado do verbo *projicere*, que significa lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificação”. (FERREIRA, 1975, p.1144)

Portanto, projeto implica planejamento e proposta *a priori*, desejo, delineamento, esquema, esboço, intenção de fazer ou realizar algo no futuro. É a descrição escrita e detalhada de um empreendimento a ser realizado *a posteriori*, no porvir. Trata-se, pois, de algo futurista; frequentemente envolvendo pesquisa científica e/ou desenho arquitetônico (planta-baixa), que tem como objetivo primordial alcançar um resultado exclusivo a curto, médio ou longo prazo.

Com base nesse entendimento, podemos dizer, parafraseando Hora (2004) e Oliveira, Souza e Marques Bahia (2005), que projeto político-pedagógico, dentre as inúmeras definições conceituais existentes, consiste num documento de cunho formal, construído no contexto de uma *gestão educacional escolar democrático-participativa* – Artigo 14 da vigente LDBEN/1996 (BRASIL, 1996), que é de fundamental importância para o planejamento e acompanhamento das atividades didático-pedagógicas e metodológicas de uma instituição escolar de ensino. Outrossim, refere-se a um instrumento de viés legal-jurídico que reflete a *proposta educacional da escola*. É através dele que a comunidade escolar pode desenvolver um trabalho coletivo, cujas responsabilidades pessoais e coletivas são assumidas para execução dos objetivos (gerais e específicos) previamente estabelecidos pela escola.

Em se tratando de proposta educacional da escola, convém salientar que a atual LDBEN/1996 (BRASIL, 1996) não faz menção à expressão *projeto político-pedagógico*, em específico, mas somente às expressões terminológicas *proposta pedagógica* (Artigo 12, Incisos I e VII), *proposta pedagógica do estabelecimento de ensino* (Artigo 13, Incisos I e II) e *projeto pedagógico da escola* (Artigo 14, Inciso I); o que leva-nos a deduzir (hipoteticamente) que a Lei supra aludida considera estar contida a dimensão política do projeto educacional escolar em seu aspecto pedagógico, não havendo, assim, a necessidade de explicitar o âmbito político do projeto pedagógico escolar em termos legais-jurídicos.

Antes de discorrer de forma analítica e crítico-reflexiva acerca das dimensões política e pedagógica do projeto educacional escolar, faz-se prudente trazer à tona as definições conceituais de política e pedagogia, tendo em vista dar significativo suporte teórico para melhor compreender os aspectos político e pedagógico atinentes ao PPP da escola.

Posto isto, temos que, na concepção de Platão (1985, p.107), é da “[...] *pólis* de onde derivam os vocábulos *politiké* (política), *politeia* (constituição, regime) e *polítes* (cidadão). A *pólis* (Cidade-Estado) significa para um grego o conjunto da vida política”. Logo, o vocábulo *política*, em particular, pode ser entendido como o campo específico de um saber dedicado ao estudo (científico) do conjunto de relações entre os seres humanos e o Estado (BOBBIO, 2000), fazendo “[...] alusão a tudo o que se refere à Cidade (*pólis*) e, por isso mesmo, a tudo o que é civil, público e urbano”. (NEVES, 1994, p.13)

Nesse contexto, é possível assegurar também que, originariamente, o termo *pedagogia* surgiu do latim *pedagogus* que provém da palavra grega *paidagogos* (pais), *paidós* (criança) e *agogos* (condutor, dirigente); conforme explicita Bueno (1966). Em outras palavras, isto implica afirmar ainda que:



A pedagogia, literalmente falando, tem o significado de “condução da criança”. [...] Como se pode notar, originalmente, pedagogia está ligada ao ato de condução do saber. E, de fato, a pedagogia tem, até hoje, a preocupação com os meios, as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao *como ensinar*, a *o que ensinar* e, também, ao *quando ensinar* e *para quem ensinar*. Ou, a pedagogia consubstancia-se no pólo teórico da problemática educacional. Portanto, poder-se-ia afirmar, grosso modo, que a pedagogia é a *teoria*, enquanto a educação é a *prática*. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.8-9)

Observe-se nas definições conceituais anteriormente apresentadas que não se trata de considerar política em termos político-partidários, nem tampouco pedagogia como Ciência da Educação (MARQUES, 2006; MAZZOTTI, 1996), mas como método, técnica e metodologia de ensino e aprendizagem em âmbito didático-pedagógico.

A partir de tais assertivas, pode-se reafirmar, então, que o projeto educacional escolar possui duas vertentes educacionais que estão dialética e umbilicalmente correlacionadas: uma de cunho político e outra de viés pedagógico.

Sobre esta afirmativa, Veiga (2001, p.13; destaques nossos) argumenta que todo projeto educativo de escola é um “[...] *projeto político* por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É *político* no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade”.

A dimensão política do projeto educacional escolar concerne, em linhas gerais, à tomada de atitude, postura e posicionamento analítico e crítico-reflexivo dos(as) agentes escolares em geral (gestores(as) educacionais, pedagogos(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), docentes, discentes, etc.) frente às escolhas e decisões a serem engendradas nos contextos de ensino e aprendizagem na escola. Daí “a experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção”. (FREIRE, 2000, p.47)

Partindo-se da premissa de que tanto a Educação quanto a atividade educacional é sempre um ato político, uma atuação política (SAVIANI, 1980), podemos conjecturar que o projeto educacional escolar também tem a sua vertente política (não partidária), embora adote teorias/tendências educacionais e pedagógicas no engendramento estrutural de seu *corpus* textual-científico.

Contudo, além do viés político, o projeto educacional escolar também é constituído de uma dimensão pedagógica, na qual, segundo Veiga (2001, p.13), está contida “[...] a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo”.

Martins (1993) chama a atenção para o fato de que: uma vez que o fazer pedagógico é orientado e co-orientado por um conjunto de preocupações ligadas a elementos do meio social de diversas ordens, tais como, por exemplo, o orçamento público, a habitação, o prestígio, a crença, a história, as legislações e os valores simbólicos da localidade em que se encontra a unidade escolar, torna-se profícuo considerar, então, que o projeto educacional escolar é “pedagógico no sentido de definir as ações educativas e características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade” (VEIGA, 2001, p.13), a qual “[...] não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva”. (MARQUES, 1990, p.23)

Dito de outra maneira, isto assume a seguinte significação:

O *pedagógico* diz do educacional. *Educação* que é mais abrangente que ensino, aprendizagem, avaliação, estrutura e funcionamento da escola, pois unifica a concepção de realidade e de realidade humana, a esperança em poder-se influenciar na efetivação dessas realidades e, mais, a convicção de que dentre as possibilidades dadas estão aquelas importantes para a edificação e manutenção da vida. (BICUDO, 1999, p.34; grifos nossos)

Ou seja: o aspecto pedagógico do projeto educacional escolar está diretamente atrelado às questões de foro educativo, didático, técnico-metodológico e pedagógico (no sentido literal do termo), fazendo referência exclusiva ao currículo escolar, à sistemática de avaliação da aprendizagem dos(as) educandos(as), à prática profissional docente, aos recursos didático-pedagógicos disponibilizados, aos materiais escolares, ao mobiliário escolar, à biblioteca escolar, à ludoteca e brinquedoteca escolares, aos laboratórios de ensino-aprendizagem para experimentação e experiências científicas, à organização do trabalho pedagógico na escola, às salas de aula, à sala de recursos multifuncionais, ao salão de jogos educativos, à quadra de esportes da escola, etc.

Face ao exposto, identifica-se que político e pedagógico têm um significado singular e, ao mesmo tempo, plural; bem como uma relação indissociável, dialética, umbilical e de dependência recíproca no contexto da gestão escolar colegiada e da construção coletiva e participativo-democrática do projeto educacional na escola brasileira de Educação Básica (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio), haja vista que, de acordo com pesquisas científicas realizadas por Saviani (1983, p.93), “a dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica”.

Sem a pretensão de esgotar o assunto em pauta, convém registrar aqui, em última instância, as sábias palavras de Santos (2020, p.23-24), ao asseverar o seguinte:

[...] o projeto político-pedagógico (PPP), no Brasil do século XXI, consiste em um documento de ordem legal-jurídica para os estabelecimentos escolares de Educação Básica e as instituições de Ensino Superior, o qual deve ser cuidadosamente (re)planejado,

(re)construído de forma coletiva, implantado, implementado, executado e (re)avaliado por todos os agentes escolares no contexto de uma gestão educacional democrático-participativa, colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada e emancipatória. Ele faz parte da(s) cultura(s) escolar(es) e da(s) cultura(s) das escolas, concomitantemente. Portanto, o PPP é o alicerce no qual se assentam a organização e a gestão do trabalho pedagógico educacional em geral. Configura-se, outrossim, como sendo o ‘chão’, o ‘*corpus* estrutural’ das escolas; por excelência. É o eixo basilar, guia, parâmetro, orientador, direcionador e norteador de todas as atividades didáticas, pedagógicas, metodológicas, de ensino e de aprendizagem de cada escola. O PPP é, pois, a “filosofia”, a “visão”, o “*layout*”, o “*marketing*”, a “marca registrada”, a identidade, o retrato, o “raio X”, o plano de ação estratégica, a proposta pedagógica e o ‘projeto guarda-chuva’ das instituições educativas, constituindo-se, desse modo, como um elemento de capital importância e significado sem igual para as mesmas. Em suma: o PPP é o cerne, o “cérebro”, o “coração”, a “espinha dorsal”, a “coluna vertebral”, a “alma”, ou seja, a **panaceia** e, por sua vez, a **vida das escolas** em suas múltiplas dimensões, facetas, nuances e instâncias colegiadas; abarcando assim o *todo* e o *tudo* de cada escola em suas realidades, culturas, necessidades, especificidades, particularidades, objetividades, singularidades e subjetividades. Entretanto, é profícuo efetuar o seguinte alerta: o PPP não pode ser entendido, pura e simplesmente, como uma “bíblia pedagógica”, um “receituário didático-pedagógico”, um “tratado educacional” ou um “manual pedagógico” que deve ser seguido ‘à risca’, ao ‘pé da letra’ ou ‘à força’ pelos agentes educacionais na escola; haja vista que os seus processos de constructo e engendramento, ou seja, o seu “*modus operandi*”, necessitam ser flexíveis, emoldurando-se ambos segundo a realidade objetiva existencial concreta de cada instituição educativa.

É preciso, portanto, considerar o texto e o contexto, bem como as linhas e as entrelinhas do projeto político-pedagógico escolar. Todos estes constructos linguísticos têm muito a revelar sobre a Educação, a sociedade, a instituição-escola, o currículo escolar (prescrito/explicito e oculto/implícito), a avaliação do processo de aprendizagem, os métodos e as técnicas de ensino, a prática pedagógica docente, a cultura escolar, a cultura da escola, os saberes pedagógicos e escolares, dentre tantos outros elementos que compõem o ato educativo na escola.

Quicá que possamos, pois, enfrentar militantemente obstáculos, impasses, entraves e empecilhos; enfrentar desafios e ultrapassar barreiras e fronteiras rumo ao desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade de classes do século XXI, tendo

em vista a conquista de uma educação escolar com mais qualidade para todas as pessoas da geração dos dias atuais e dos tempos históricos vindouros.

Eis o que sinceramente almejamos!

Referências:

- BICUDO, M. A. V. O significado do projeto pedagógico na promoção da qualidade da graduação. In: FREITAS, L. P. (Org.). **Projeto pedagógico de curso: subsídios para elaboração e avaliação**. Fortaleza: Editora da UNIFOR, p.33-36, 1999.
- BOBBIO, N. **Dicionário de política**. 13.ed. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- BUENO, F. S. **Dicionário filológico do português**. São Paulo: Saraiva, 1966.
- FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intellecto**. Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos – v. 193).
- HORA, D. L. **Gestão democrática na escola: artes e ofícios da participação coletiva**. 11.ed. Campinas: Papyrus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARQUES, M. O. Projeto pedagógico: a marca da escola. In: **Revista Contexto & Educação**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, v.2, n.18, p.21-32, abr./jun., 1990.
- _____. **Pedagogia: a ciência do educador**. 3.ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006. (Coleção Mario Osório Marques – v.5).
- MARTINS, C. **O que é política educacional**. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos – v.282).
- MAZZOTTI, T. B. Estatuto de cientificidade da pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Coord.). **Pedagogia: ciência da educação?** São Paulo: Cortez, p.13-37, 1996.
- MELCHIOR, M. C. **O ensino dos diferentes saberes**. 8 f. Disponível em: <https://www.premierconcursos.com.br/editora/artigos/o_ensino_dos_diferentes_saberes> . Acesso em: 11/01/2004.
- NEVES, L. M. W. **Educação e política no Brasil de hoje**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da Nossa Época – v.36).

- OLIVEIRA, M. A. M.; SOUZA, M. I. S.; MARQUES BAHIA, M. G. Projeto político-pedagógico: da construção à implementação. In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, p.40-53, 2005.
- PLATÃO. **A república**: livro VII. 23.ed. Brasília: Editora da UnB, 1985.
- SANTOS, M. P. Projeto político-pedagógico escolar: “caixa-preta” de bordo do processo educativo de ensino-e-aprendizagem. In: **Revista Conexão Literatura**. São Paulo: Editora CN, n.55, p.17-26, jan./2020.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1980. (Coleção Educação Contemporânea).
- _____. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 25.ed. Campinas: Autores Associados, 1983. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.5).
- VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 13.ed. Campinas: Papirus, p.11-35, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- VERAS, M.; RASQUILHA, L. **Educação 4.0: o mundo, a escola e o aluno na década 2020-2030**. Campinas: Unità Editora, 2019.

Fábio Batista dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Cambará/PR. Literato amador. Defensor militante da causa da Educação dos Povos Negros e Quilombolas, dos Direitos Humanos e da Consciência Negra. Profissional (autônomo) da área de Construção Civil em Ourinhos/SP, onde reside atualmente. E-mail: batistafabio533@gmail.com

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Príncipe Real. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Defensor militante da causa da Educação, da Literatura Brasileira e dos Direitos Humanos. Professor universitário em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

Bruno Augusto Carvalho – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Defensor militante da causa da Educação e dos Direitos Humanos. Profissional (autônomo) da área de Logística de Transportes em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: bruno.augustocarvalho@hotgpr@hotmail.com

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



NO CAOS DO MUNDO MODERNO A ESTRELA DO AMOR ESPERA SER NOTADA!

Por Luiza Moura

Artigo

Às vezes estamos tão ocupados esperando pelo amor das nossas vidas que nem temos tempo para notá-lo ali diante dos nossos olhos, bem ao nosso lado. Estamos vivendo numa era onde tudo acontece na velocidade da luz e experimentamos um avanço tecnológico jamais imaginado. A mesma internet que aproxima pessoas que vivem de lados opostos do planeta consegue afastar pessoas que estão no mesmo cômodo de uma casa.

O mundo está realmente ao contrário!

Nós já não paramos para ouvir o outro. Nos iludimos com a ideia de que precisamos de muitas atividades e reconhecimento público. Mais aplausos que propriamente conquistas, mais “selfies” de sorrisos que alegrias legítimas, mais fotos supostamente apaixonadas que o gozo experimentado ao amar. Precisamos correr o tempo todo para exibir “fakes” e “filtros” que alimentam o ego e deixam a alma faminta, mas estamos tão acelerados que nem conseguimos nos dar conta de que amanhã pode ser tarde demais para nos alimentar daquilo que realmente nos sacia e tem sabor.

Enquanto fechamos os olhos...

A vida passa tão rapidamente e o que levamos dela é a nossa alma, é o que vivemos, é o amor que demos e recebemos, o que sentimos, o que pensamos... o resto simplesmente fica! Não importará então quanto dinheiro for acumulado, o “status social” alcançado ou até onde se acha que foi. Nada disso terá valor. Mais vale as almas que tocamos, as pessoas que nos acompanham em nossos corações. Perdemos tanto tempo com coisas efêmeras e nem nos damos conta do que verdadeiramente importa.

Apenas respire um momento!

Vale a pena parar no meio de toda essa turbulência para repensar sobre o que realmente precisamos, sobre o que realmente queremos e se realmente procuramos alguém ou simplesmente estamos caminhando com olhos tão fechados que mal conseguimos ver quem nos acompanha nessa caminhada, mal conseguimos ver a nós mesmos. Precisamos aprender a valorizar os laços e abraços que conectam tão profundamente e nos transformam de um modo que nem mesmo a mais veloz internet jamais será capaz. Sozinhos podemos talvez conquistar os nossos objetivos mais rapidamente, mas juntos certamente conseguimos chegar muito mais longe e as vitórias são muito mais deliciosas e valiosas.



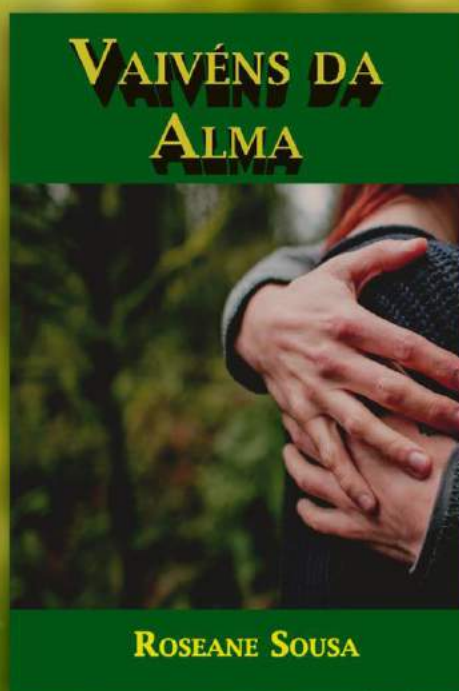
Luiza Moura de Souza Azevedo é Natural de Feira de Santana- BA, Enfermeira, Mestranda em Psicologia e Intervenções em Saúde. Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Compositora e Produtora Fonográfica.

Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Doutora Honoris Causa em Literatura pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos.

Publicou o livro: “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo”. Instagram: @luiza.moura.ef

Vaivéns da Alma

ROSEANE SOUSA



“Já se expusera demais para um único dia. Contraditoriamente, foi mais fácil com estranhos do que com sua mãe. Estranhos eram, para ela, pessoas vazias. Vazias como ela se sentia. Estava agora, porém, diante da pessoa que lhe dera a vida. Vida essa que ela duvidava que ainda existisse. Um sentimento difuso e incômodo fermentava dentro dela, ali, diante de sua mãe sedenta por informações. Olívia precisava ser cuidadosa. Mas, como ter cuidado? Não estava em condições de elaborar um discurso cauteloso. Não estava em condições de elaborar os próprios pensamentos. Então, despejou, de uma só vez, sem mudar a expressão nem o tom de voz:
— Fui estuprada.”

Diz o ditado que “o tempo cura todas as feridas”
Cura mesmo? Ou apenas as encobre? Algumas feridas nascem com a gente. Outras, adquirimos no desenrolar da vida. Há feridas que rasgam a carne... e outras que dilaceram a alma. Com todas é preciso aprender a lidar.

Dados técnicos:

Título: Vaivéns da Alma

Autora: Roseane Sousa

Disponível na Amazon

Páginas: 560

Editora: Orel Books

Instagram: @roseanesousa78 - <https://www.instagram.com/roseanesousa78>

Facebook (página): Roseane Sousa - Literatura - https://www.facebook.com/roseane-sousaliteratura/?view_public_for=109771703722532

ADQUIRA JÁ. ACESSE



RAIMUNDO COLARES RIBEIRO



A Música do Seu Coração



A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO: LINDA JUVENTUDE

Por Raimundo Colares Ribeiro*

*SENHOR, Pai Eterno, grandes são as tuas maravilhas!!!
Obrigado por permitir que eu vivenciasse, na minha juventude,
essa época maravilhosa. Obrigado, SENHOR!!!*

Artigo:

Intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o livro presta uma singela homenagem a Tefé, minha terra natal, e a todos os músicos (cantores, cantoras, grupos musicais, compositores e outros), nacionais ou internacionais, que embalsamaram a nossa linda e inesquecível juventude, durante os anos de 1970 e início de 1980. Muitos deles, é bem verdade, não foram citados, mas, certamente, permanecem vivos em nossos corações.

Para os nascidos em 1958, a exemplo de Michael Jackson (29 de agosto), Sharon Stone (10 de março), Madona (16 de agosto), Oscar Schmidt (16 de fevereiro), Prince (7 de junho) e este escritor (17 de maio), o ano de 1983 foi muito especial, pois, no decorrer dos seus doze meses, comemoramos os nossos 25 anos de idade.

Em particular, além de festejar esse aniversário em meio a sentimentos de

alegria e satisfação, junto a meus pais Teresa e Hildebrando, amigos e familiares, DEUS também me presenteou, nesse ano, com a garota dos meus sonhos e que, ainda hoje, agradeço, em cada dia, o presente que Ele me concedeu. Da nossa união nasceram os nossos três filhos e, com certeza, virão muitos netos, a exemplo do Victor Lucas e do Matheus Pirlo, que, desde a chegada da cegonha, têm enchido os nossos corações de felicidade.

A VOZ COMERCIAL AGÁ-ERRE, que serve de cenário para a realização do grande musical, em 31 de dezembro de 1983, de fato existiu e levou momentos de alegria a quem dela fez parte ou, apenas, dedicou-se, em algum momento, a ouvi-la. No centro da cidade, não me lembro da existência de outro serviço de alto-falante, a não ser no decorrer da primeira quinzena de outubro quando a Voz de Santa Teresa animava os festejos da Padroeira de Tefé.

Em abril de 2016, numa publicação sobre a Jovem Guarda, escrevi:

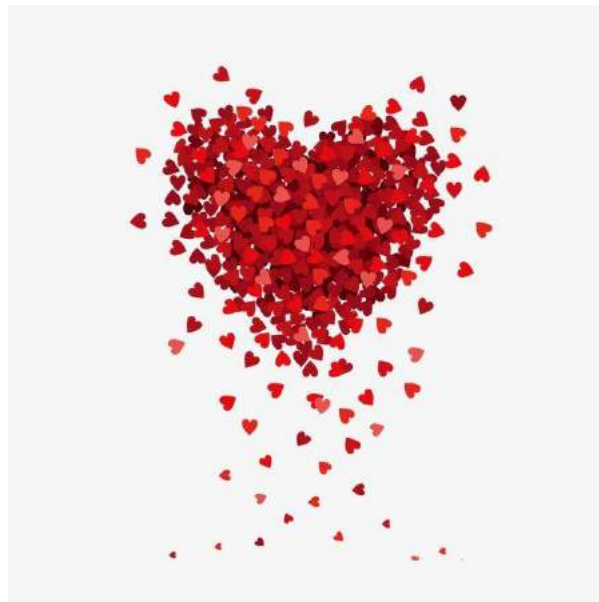
“No decorrer de 1966, aos oito anos de idade, presenciei momentos que, ainda hoje, trago guardados na minha memória. Nesse tempo, morava com meus pais na cidade de Tefé, no Amazonas. A nossa residência, nas proximidades do Mercado Municipal, ficava na Rua Olavo Bilac, esquina com a Travessa Bom Jesus, no centro comercial do povoado.

Meu pai, que durante a vida toda trabalhou no ramo comercial, mantinha, nesse mesmo endereço, sua mercearia sempre bem sortida de mercadorias, pois vendia desde farinha do uarini, açúcar, arroz, café e pirarucu seco, até confecções, artigos diversos e medicamentos populares, tais como Melhoral, Cibalena, Sonrisal, Jalapa, Pílulas da Vida e Cloromicetina.

O COMÉRCIO AGÁ-ERRE, como assim esteve registrado junto aos órgãos públicos e conhecido da população tefeense, destacava-se também por possuir serviço de alto-falante fixo, cujo alcance abrangia um raio aproximado de 500 metros, sendo ouvido com limpidez no Mercado Municipal, na Praça Getúlio Vargas, no Seminário São José, e mesmo nas cercanias da Praça e Matriz de Santa Teresa.

Nos sábados, à tarde, a VOZ COMERCIAL AGÁ-ERRE, composta

por duas possantes cornetas, ficava à disposição dos jovens cantores e músicos locais, que aproveitavam a oportunidade para mostrar, com voz e violão, os estrondosos sucessos musicais da Jovem Guarda. Foram, sem dúvida, tardes de muita alegria e emoção.”



Quanto à Rádio, estive no ar por pouco meses. Tratava-se de uma experiência de dois alunos do Curso de Rádio e Televisão, ministrado a distância pelo Instituto Universal Brasileiro, que se uniram a meu pai, também

radiotécnico, mas com diploma pelo Instituto Monitor, para juntar as peças e montar um pequeno transmissor. Em fase de testes, a sua programação musical era acompanhada nos rádios da cidade. E não existia horário para entrar no ar. Pena que a autorização para o funcionamento da rádio foi por um curto período.

Ao idealizar o livro A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, eu havia observado que, nos dias atuais, as músicas dessa época continuam fazendo muito sucesso, sobretudo na Internet, desde 1993, em sítios de compartilhamento de vídeos. E para comprovar essa afirmativa, no dia 30 de março de 2018, pesquisei no Google e selecionei sete músicas nacionais e suas visualizações: Cama e Mesa/Roberto Carlos (34,3 milhões de visualizações no Canal RobertoCarlosVEVO), Menina

Veneno/Ritchie (34,8 milhões de visualizações no Canal Adriano Dias de Souza), Gostava Tanto de Você/Tim Maia (26,8 milhões de visualizações no Canal MysticPieces), Porque Brigamos/Diana (21,4 milhões de visualizações no Canal Rafael Rodrigues), Adeus Solidão/Carmen Silva (15,5 milhões de visualizações no Canal Singers Song), De Que Vale Ter Tudo na Vida/José Augusto (13,1 milhões de visualizações no Canal Músicas de Vinil), e, ainda, O Milionário/Os Incríveis (13,3 milhões de visualizações no Canal Alexandre Souza-VetMD).

De forma abrangente, acredito que A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO evidencia uma parcela significativa dos inumeráveis sucessos musicais dessa

época, também aclamados, nos dias atuais, por um público jovem que me impressiona pela gigantesca quantidade. Espero, por fim, que a obra traga de volta boas recordações dos tempos da nossa juventude e seja mais um motivo para tornar maior a alegria que reina em todos nós.

SENHOR, mais uma vez, obrigado por permitir que eu vivenciasse essa época fascinante!!! E, também, pela primorosa família que tenho: minha esposa Kátia, filhos Rickson, Rennier Recco e Raissa, netos Victor Lucas e Matheus Pirlo, nora Greicy e genro Caio Augusto. Obrigado!!!

Que DEUS a todos nos abençoe!!!

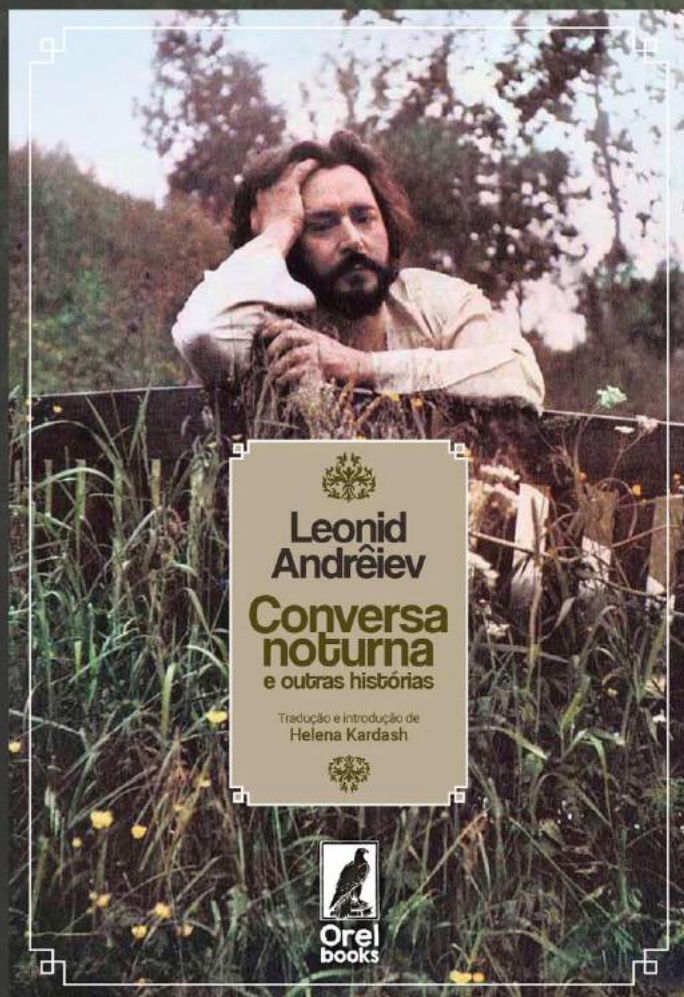


Veja o livro na Amazon:

<https://www.amazon.com.br/M%C3%BAsica-do-Seu-Cora%C3%A7%C3%A3o-ebook/dp/B082H864V4>

***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

OREL BOOKS LANÇA "CONVERSA NOTURNA E OUTRAS HISTÓRIAS" DE LEONID ANDRÊIEV



Leonid Andrêiev foi um dos maiores escritores da chamada Era de Prata da literatura russa, entre o fim do Século XIX e início do Século XX. Embora muito famoso e popular em seu tempo, Andrêiev não desfruta hoje do reconhecimento e da divulgação que merece junto aos leitores lusófonos. Este livro visa preencher esta imensa lacuna editorial, oferecendo aos leitores brasileiros um volume exclusivo e inédito em português de obras de Andrêiev, em cuidadosa tradução direta do russo. São ao todo 19 textos, sendo 18 contos e novelas e uma peça de teatro, em mais de 400 páginas, com esmerada produção editorial e gráfica. O leitor encontrará nos textos desde a ternura e compaixão de Andrêiev pelas pessoas simples do povo russo, como também reflexões filosóficas sobre o sentido da vida, passando, ainda, pelo lado sombrio e soturno característico de sua obra e finalizando com um toque de humor.

Dados técnicos:

Título: Conversa noturna e outras histórias
Autor: Leonid Andrêiev
Tradutora: Helena Kardash
Capa: brochura
Páginas: 417
Editora: Orel Books
Edição: 1ª (agosto de 2019)
Idioma: Português
ISBN: 978-65-80695-00-3
Formato: 23 x 16 x 2,5 cm (sem embalagem)
Peso: 800g (com embalagem)

ADQUIRA JÁ. ACESSE





1 ANJO MACDERMOT, DE JACKMICHEL, UMA ODE À DÉCADA DE 60 DEDICADA A JAY SEBRING

Artigo

1 Anjo MacDermot é uma obra única na literatura mundial contemporânea. Do gênero drama, traz uma cronologia da década de 60 e explora o binômio sonho/realidade, que surge como nota introdutória ao desenvolvimento da narrativa fascinante.

Publicado pela Drago Editorial em 2016 tem 334 páginas e um álbum com 15 fotografias históricas de personalidades e fatos icônicos dos Anos 60, como o Presidente J. F. Kennedy com sua esposa, Jacqueline, e o governador do Texas, John Connally na limusine presidencial minutos antes de seu assassinato... The Beatles chegando a América, em 1964... o slogan É Proibido Proibir. Paris, maio 1968... Yuri Gagarin, o primeiro humano a viajar pelo espaço... Guerra do



Vietnã, 1955-1975... o local de lançamento de mísseis em Cuba, 1 de novembro de 1962... Festival de Woodstok... Primavera de Praga, 1968... entre outras.

A dedicatória cabe a Jay Sebring. Vale a pena lembrar que Sebring foi um cabeleireiro de celebridades e uma das vítimas da família de Charles Manson, assassinadas na casa da atriz Sharon Tate, em agosto de 1969, num dos mais famosos casos de homicídio da história criminal dos Estados Unidos. Ele foi o primeiro a abrir um salão de corte de cabelo masculino no país e seu estilo de corte atraiu grandes nomes para sua clientela.

Para adquirir:

<https://www.livrariadrageditorial.com/products/a1-anjo-macdermot-jackmichel>

INFORMAÇÕES DO LIVRO

Quantidade de Páginas: 334

Gênero: Drama

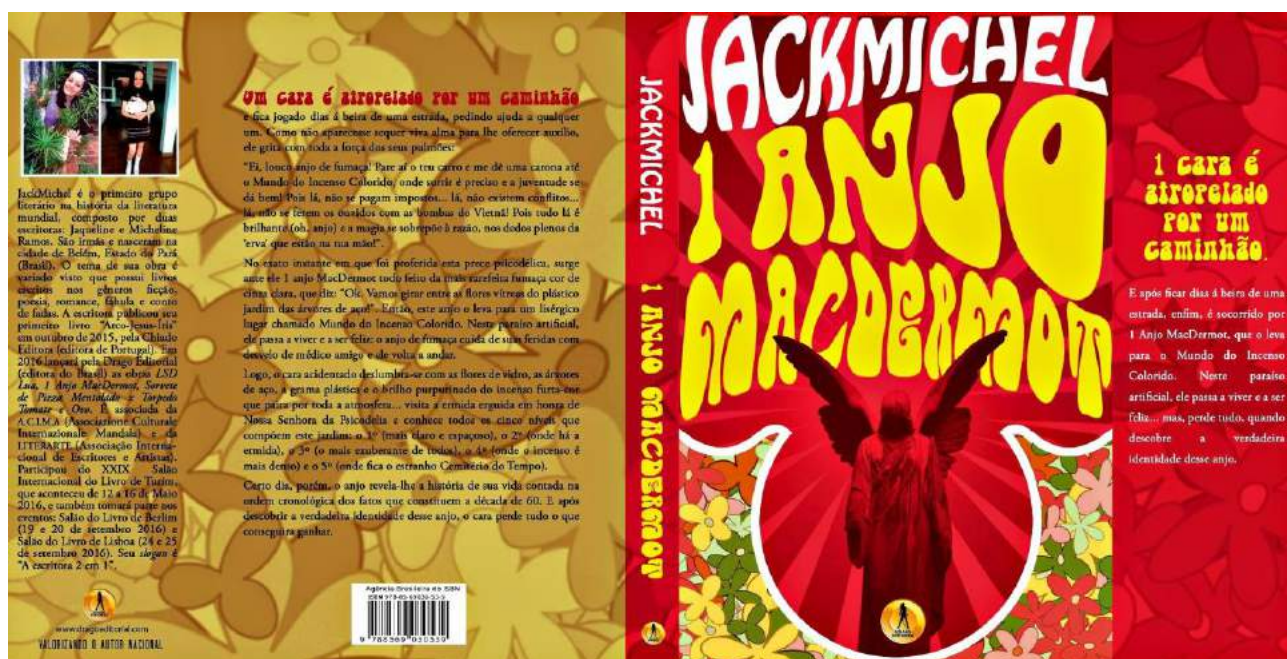
Editora: Drago

Nº de Edição: 1ª

Ano de Publicação: 2016

ISBN: 978-85-69030-53-9

Idioma: Português



Biografia da autora

JackMichel é o primeiro grupo literário da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline e Micheline Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Publicações: Arco-Jesus-Íris (Chiado Editora), LSD Lua, 1 Anjo MacDermot, Sorvete de Pizza Mentolado x Torpedo Tomate e Ovo (Drago Editorial), Sixties e Tim O Menino do Mundo de Lata (Helvetia Edições), Anotações Da Lagarta Papinha, O Príncipe Milho e Fabulário JackMichel (Editora Leia Livros), Papatiparapapá e Lobistratusdilapirulobis (Editora Illuminare). É associada em ACIMA (Associazione Culturale Internazionale Mandala), LITERARTE (Associação Internacional de Escritores e Artistas), AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura), UBE (União Brasileira de Escritores) e Movimento Poetas do Mundo. Seus contos e poemas constam em antologias internacionais bilíngues. Também foi

destaque em diversos jornais e revistas de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Recebeu Menção Honrosa no Concurso da Coletânea Literária Internacional em Prosa & Verso “Conexão México” – Sem Fronteiras pelo Mundo... Conectando Mentes & Cultura ACIMA de Tudo!”, no Prêmio de Excelência Literária “Troféu Corujão das Letras” e no II Concurso Cultive de Literatura “Prix Cultive de Littérature”. Conquistou o Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros IV, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura “Prix ALALS de Littérature” e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é “A Escritora 2 Em 1.

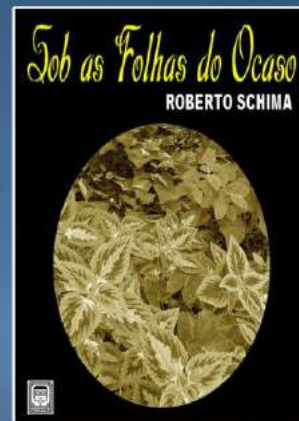
Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1

<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>



Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES



DESAPARECIDOS

Por Míriam Santiago

Conto

Já era noite no outro lado do mundo às 17 horas da tarde. Em Londres, Inglaterra, ao adentrar ao quarto nº 835 do Hotel Park Plaza Riverbank marcava 11º naquela manhã do dia 26 de janeiro de 2020, não senti muito frio, apesar do costumeiro calor do Brasil.

Depois de desfazer a mala, pendurar casacos, camisas e calças, a vista do quarto era maravilhosa, já que da janela conseguia ver o rio Tamisa, um dos mais famosos do mundo.

Falando inglês americano, não senti nenhuma dificuldade com o idioma

e mesmo porque eram várias as opções de se informar em português devido certo número de funcionários portugueses que trabalhavam no Riberbank.

Deixei o cartão de acesso ao quarto na recepção e fui me habituar ao local e procurar um lugar para comer. Estava cansado e nesse dia não conseguiria fazer muita coisa, já que enfrentara mais de onze horas de voo, de Guarulhos, São Paulo, sem conexão. Na volta do almoço entrei em algumas lojas vi os preços das coisas e bem ao lado do hotel onde me hospedara havia uma

espécie de mercadinho que oferecia opções de lanches e sucos naturais, frutas e mesmo ao padrão do hotel quatro estrelas não me incomodei nem um pouco em subir com duas sacolas de compras nas mãos.

Dormi e acordei descansado, já que meu dia seria difícil, com um cronograma de afazeres cheio de locais a procurar. E comecei minha pesquisa na recepção do hotel.

Com fotos, documentos e roteiro de viagem, não tive problema em saber o paradeiro de Flávia Ramirez Perez, minha irmã que estava desaparecida desde o final do ano passado, quando saiu de casa para reforçar o idioma, já que os cursos de inglês abrangem todos os níveis de conhecimento da língua e duram entre três e doze semanas. O curso na Universidade de East Anglia foi feita por meio do LoveUK, que oferece consultoria personalizada e gratuita para o processo de inscrição. Ela então se hospedou na última semana de dezembro para iniciar o estudo em janeiro e não perder nenhuma aula.

— Sim, a sua irmã esteve no hotel e encerrou a conta no final da primeira semana de janeiro, ficando apenas duas semanas, disse a recepcionista, que após me apresentar e mostrar toda documentação a respeito de Flávia, ela conversou com o gerente do hotel e me forneceu informações.

— Mas como, ela iria ficar até o final do curso, pelo que sei não veio com

dinheiro para pagar nenhuma multa de hotel, indaguei.

— De fato, o senhor tem razão, mas é o que temos a informar.

Agradei e fiquei pensativo, já que a multa, pelo que sei e que me lembro, seria quase o dobro de toda estadia. Mas onde estaria Flávia?

— Senhor, não pude deixar de escutar sua conversa com a recepcionista e vejo que o senhor está desesperado na busca por sua irmã – Veio ter comigo um rapaz português, bem apessoado e simpático que trabalhava no hotel, cuja função seria o tipo “faz tudo”.

— Não tem problema que escutou e o que sabe sobre a minha irmã, veja a foto dela.

— Me lembro dessa moça sim, bem simpática e dava boas gorjetas, no início, quando chegou me chamou a atenção por estar só, e ela me pareceu triste, mas depois, dois dias antes de partir, estava radiante, era outra pessoa. Desculpe, mas tenho de ir. – Se despediu Roberto, assim se apresentou o funcionário.

Fui até o leste da Inglaterra, na cidade Norwich conhecer a então universidade, e fiquei boquiaberto ao ver a imensidão do local, que oferece mais de 300 cursos em suas quatro faculdades, que contêm 26 escolas, contudo, os estudantes em férias, restavam poucos alunos que faziam os chamados “cursos de férias”. Ao caminhar, encontrei um grupo de moças que falavam português,

então mostrei uma foto de minha irmã e sem sucesso no reconhecimento, procurei a administração.

— Estou procurando minha irmã que veio para o vosso país participar de um curso de férias e ela desapareceu. — E mostrando a fotografia à funcionária a mesma disse que não tinha condições no momento de identificar a aluna, por estar apenas substituindo as férias da secretária e ainda assim para quaisquer detalhes teria que consultar o chefe responsável, que também não estava presente, deu-lhe um prazo de, no mínimo, dez dias.

Rafael saiu sem conseguir nenhuma informação sobre sua irmã.

Decidiu ficar e conhecer a cidade, já que estava lá.

Pernoitou em um hotel e pela manhã retornou à Londres.

Avisou a mãe que ainda não encontrara Flávia, sem mais detalhes, pois não tinha o que falar.

A temperatura começou a baixar e as noites eram longas, já que às 17 horas anoitecia. Poucas pessoas caminhavam pelas ruas. De um pub que fechara cedo, Rafael encontrou Roberto, o funcionário do hotel que rapidamente se dirigia a um ponto de ônibus, tinha acabado o serviço e partia para casa.

— Senhor Rafael, o que faz sozinho nas ruas? É muito perigoso e coisas sobrenaturais acontecem nesta terra.

— O quê? Não me venha dizer que existem bruxos, vampiros! E Rafael caiu na gargalhada.

— Não ria senhor Rafael, isso é muito sério, esta cidade me dá medo à noite, ainda mais nesta estação que escurece muito cedo, as trevas rondam este lugar! Lá em Portugal tínhamos muitas histórias horripilantes sobre este país, ora bem sei cada coisa!

— E mesmo assim viestes trabalhar aqui?

— Não tive muitas opções, já que serviço lá na minha terra está ruim desde que a União Europeia unificou em moeda única e o serviço por lá ficou escasso, vim ganhar a vida nesta capital e não me arrependo, mas tomo meus cuidados, aqui dizem os mais antigos é o mundo dos vampiros! É melhor o senhor retornar logo ao hotel.

— Está bem, você me convenceu, além do mais, bebi um pouco da conta.

Deitei na cama e muita coisa me passou pela cabeça. As palavras de Roberto, a cara de espanto ao falar de coisas sobrenaturais me deram arrepios! Sem sono, comecei a pesquisar na internet o número de pessoas que desaparecem no site da Agência Brasil Cadastro Nacional de Desaparecidos e descobri que em 2019 mais de 82 mil pessoas desapareceram sem deixar vestígios, uma média de 226 pessoas por dia e 08 a cada hora. E Flávia poderia estar nessa estatística, chorei de desespero.

Já estava há dez dias em Londres e sem nenhuma notícia, levei a foto na Embaixada, que encaminhou à polícia, e a hospitais e nenhum órgão sabia de

nada. Retornei ao vício do cigarro, e a cada tragada me deixava envenenar pela nicotina.

Roberto me lembrou das câmeras do hotel, os vídeos e assim que tivemos acesso, nada de estranho apareceu, somente Flávia partindo do hotel sozinha, estava radiante!

Insistindo em saber sobre a multa, descobri que foi paga por um homem um dia antes de sua partida. Nisso, mensagens insistentes de minha mãe, que tinha alguma informação.

— Rafael, seu pai e eu descobrimos que toda essa história de curso de férias foi tudo uma farsa de sua irmã, ela inventou porque se falasse a verdade não iríamos deixá-la embarcar.

— Como assim, por aqui tenho escutado muita coisa, até histórias macabras, que me deixaram tão apavorado que voltei a fumar!

— Nada disso meu filho, já embarcou junto de seu pai o nosso advogado Marcelo Coelho, que tomarão providências sobre o desaparecimento de sua irmã, pois ela mentiu para poder se encontrar com o ex-marido.

— E como descobriram tudo isso? Vocês têm certeza?

— Sim, investigamos amigas, celular antigo, enfim, temos muitas provas que nos levam a isso, pois desde

que ela voltou a morar conosco depois da separação, ele se redimiou e começou a procurá-la, dizendo que estava arrependido das brigas.

Eu, meu pai, o advogado e Roberto, funcionário do hotel fizemos o possível e o impossível e nenhum sinal do paradeiro de Flávia. O ex-marido foi localizado sozinho e no Brasil. O tal homem que supostamente pagou a multa do hotel para Flávia não foi encontrado. Na escuridão de cada beco, de cada rua não encontramos nenhum vampiro! ...

...

Já se passaram cinco anos e nunca mais soubemos nada de Flávia!

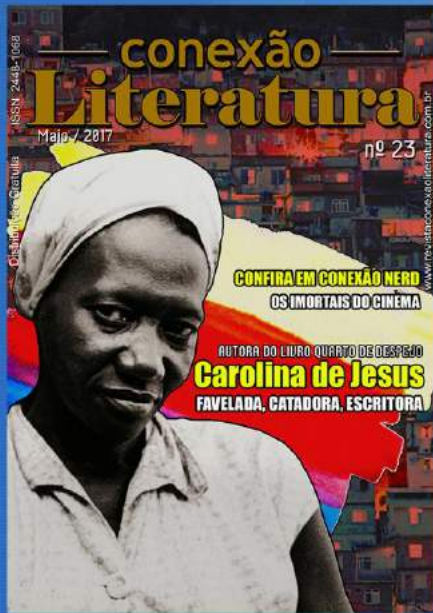
De tanta procura, a única certeza que temos é que ela agora faz parte das estatísticas de pessoas desaparecidas, que somem sem deixar vestígios, sem dar uma notícia, sem nunca mais ligar. Está vivendo em algum lugar levando outra vida? Perdeu a memória? São tantos serás!

Mas temos uma só convicção, nunca perdemos a esperança de que ela, a qualquer momento, entrará pela porta chamando por nós!

E eu, em especial porque sou seu irmão gêmeo, toda vez que a saudade aperta, sinto o seu perfume ao me consolar em seu quarto, na sensação de que ela está bem próxima de mim!

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>



MEU PATRÃO, O ROBÔ

Por Gilmar Duarte Rocha

Conto

Acordei naquele dia fora da hora programada. O meu criado mudo telemático Wes não entrou em sincronia com o HM, o sistema que, além de cuidar da minha agenda, gerenciava diversas funções do meu apartamento, como o controle da temperatura ambiente; o complexo aparato de iluminação movida a energia térmica, eólica e solar; o balanceamento da minha dieta, ditando a quantidade de proteína e carboidratos que deveria consumir diariamente; a seleção criteriosa das notícias que deveria absorver, enfim cuidava do meu umbigo desde o momento em que entrava em casa até o instante em que saía da quadra do

complexo habitacional onde morava, no centésimo quadragésimo andar do décima quinta célula do condomínio 1.000 Alfa 11.

Perdi o horário. Fato!

Nem bem entrei no banheiro para satisfazer as minhas necessidades fisiológicas matinais, o aparelho comunicador implantado no meu pulso me enviava uma mensagem do meu chefe BR-AT-Otooo-1: “Só falta você para o ponto de controle, colaborador no. 777/A-44. Você ainda tem exatos 3 minutos, 25 segundos e 122 microssegundos para confirmar a presença”.

Consultei o HM para ver se ainda tinha tempo hábil para a reunião e ele me respondeu que havia, desde que suprimisse a satisfação das necessidades fisiológicas, a alimentação matinal, o exercício pós molecular e pegasse o primeiro tele transporte que passaria no condomínio dali a 1 minuto e 10 segundos, tudo isso sem trocar o meu traje de sono.

“Ir ao trabalho sem a minha gravata holográfica? Jamais”, pensei. Consultei mais uma vez o HM para ver se eu teria tempo trocar de uniforme, ele me respondeu, sucinta e ironicamente: “Tem, mas você pode escolher as seguintes opções para receber os proventos da sua rescisão automática contratual:

- Sacar 1.200 bitcoins quânticos;
- Ganhar 3 tíquetes de passagem para a estação lunar; ou
- Passar uma noite com Mary Lou, a rainha dos drag queens do deserto de Mojave”

Desesperado e dependente do contrato de trabalho virtual na Agência de Controle e Estudos da Terceira Lei de Newton, resolvi dizer a palavra passe que me conduziria à estação 3.333 do Sistema Multinacional de Tele transporte.

Chegaria ao trabalho com o uniforme de sono mesmo.

Aportei na sala de ponto de controle exatamente em 3 minutos, 25 segundos e 119 microssegundos. Na imensa mesa retangular de cor branca, de tampa acrílica, sem a presença de papel ou qualquer outro objeto, sentavam-se 125 mestres em TLN, todos ajustados em suas poltronas brancas, eretos, cabelos hermeticamente raspados, de careca lustrosa, de óculos multidimensionais e gravatas holográficas

(o instrumento de serviço que mais adorava, por sinal).

Quando busquei ocupar o meu assento — o quadragésimo-quinto da ala dos mestres em TLN que se sentavam do lado esquerdo da mesa — todos olharam para mim de soslaio, mas ninguém moveu a cabeça. Os meus colegas permaneciam concentrados nas explanações do chefe, aquela coisa ridícula em forma de cancela, com três membros metálicos, horizontais, de formato cilíndricos e oito membros vítreos, verticais, em forma de polígono pentagonal cônico, com mais de cem olhos brilhantes, coloridos e faiscantes, e que se prostrava, impávido, na cabeceira da mesa. Era ele, meu chefe, o robô que atendia pelo prefixo BR-AT-Otooo-1.

Sentei e comecei a acompanhar o ponto de controle do dia, com instruções que nos eram passadas pelo chefe (o robô) a propósito do desvio de 0,00045mm na fenda de número 404 da placa tectônica de Saint Andreas; os impactos que esse fenômeno poderia causar em relação a futuros fenômenos sísmicos e os estudos que poderíamos empreender para mitigar os riscos. No fim do dia, compilaríamos tudo que foi anotado, separaríamos os diagnósticos confluentes e montaríamos os algoritmos que seriam enviados aos robôs processadores.

Mesmo enquanto o robô nos passava as instruções, ele, o meu robô chefe, com seus mil cérebros, não perdeu a oportunidade de me passar uma mensagem inconveniente, através do comunicador de pulso:

“777/A-44, já consta dos seus registros do Sistema de Recursos Humanóides o desconto no seu provento tridiário de 0,33 bitcoins quânticos

relativos ao seu atraso hoje de 1 minuto, 2, segundos e 448 microssegundos”.

Confesso que fiquei extremamente irritado com aquela mensagem abusiva e inconveniente e fiz o possível para participar do estudo sobre a questão (o negócio das placas tectônicas), pois embora estivesse bastante insatisfeito e desmotivado, o nosso grau de participação no estudo era medido por insights “come and go” e eu não poderia ser mais penalizado durante o dia, sob pena de ser multado em 1/3 dos proventos de cinco períodos tridiários.

Finalmente, exatamente às 13:00:00.000000, o comunicador de pulso piscou e avisou que era chegada a hora do intervalo para recomposição protética, onde éramos conduzidos para o Repositório, uma área imensa, de cor esplendorosamente branca, com uma infinidade de totens alimentares que nos ofereciam infinitas oportunidades de recomposição protética. Bastava apertar um botão e recolher uma pílula que satisfazia as nossas necessidades alimentares por horas a fio.

Naquele dia, contudo, não segui a procissão de colegas carecas que se encaminhavam em fila indiana através do corredor em direção ao refeitório. Propositalmente, fiquei no fim da fila e retardei a caminhada, dei dois passos atrás e resolvi olhar de esgueira para o interior da sala de ponto de controle, que — logicamente — encontrava-se deserta, exceto o nosso chefe, que supunha estar parado, impávido, no seu lugar com as suas centenas de olhinhos piscando. Ele realmente estava lá, parado no mesmo lugar, mas não estava impávido e nem com centenas de olhinhos faiscantes. Ele mudara radicalmente de aparência. Agora, apresentava-se como uma espécie

de uma tela gigantesca e nela faiscavam, ao invés dos olhos, cifras e mais cifras de bitcoins quânticos. Eram janelas e mais janelas virtuais direcionando cifras para localidades de todo o planeta e para as estações estelares, e o pior, para a conta de cidadãos que ninguém conhecia. Fiquei pasmo. Em verdade, sempre imaginávamos que as grandes corporações do nosso Sistema, como a Agência de TLN, funcionavam em regime de cooperativa e todo o lucro granjeado era reinvestido na nossa própria comunidade. Quando terminava de digerir essas conclusões, de repente, uma voz estrondou nos corredores: “777/A-44. 777/A-44. APRESENTE-SE COM URGÊNCIA NA DEPENDÊNCIA DE REPOSIÇÃO ALIMENTAR”. Tinha que me apressar e me apresentar urgentemente no ambiente chamado REPOSITÓRIO, sob pena de ter mais um desconto na minha combalida conta de proventos.

Passaram-se dias; semanas, a mesma rotina de sempre: acordar na hora programada, cumprir as necessidades matinais, pegar o tele transporte, ir para o ponto de controle da Agência TLN, discutir uma nova situação de risco, lanchar pílulas, voltar ao trabalho, pegar o tele transporte de volta para o condomínio, assistir as lições de desvio perimetral cartesiano, ligar o canal no programa favorito “Como montar o seu próprio pet”, e dormir. A rotina seguia. No entanto, dois meses depois, algo voltou a falhar. Não foi mais WES, o criado mudo, e sim CHO, o link de empregos intergalácticos.

Geralmente eu assinava o CHO — site de empregos — na esperança de minerar alguma função com melhores condições e melhor remuneração do que

a da Agência TLN. O CHO dispunha de dezenas, centenas de vagas por dia, porém todas similares ao trabalho que eu cumpria na Agência. O mesmo tipo de função; o mesmo tipo de patrão (um robô); e a mesma e ordinária rotina de cobrança, controle extremo de horário de trabalho e exploração ad eternum. Nesse belo dia, em especial, o CHO, por alguma espécie de erro de programação,

expôs na minha tela holográfica um inusitado anúncio:

“PRECISA-SE DE CORTADOR DE COCOS PARA TRABALHAR NA ILHA DE WIWIWI, NA POLINÉSIA ULTERIOR”, ao fundo do letreiro, uma paisagem paradisíaca, que, aliás, ainda existia na face da Terra.

Não pensei duas vezes.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, *O berço de Judas*, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.



TIO VALENTIM

Por Roberto Schima

Conto

"O Mal tem inúmeros filhos, mas um único pai."

Domingo. Nos fundos de uma casa térrea de ladrilhos vermelhos, pousada sobre uma íngreme ladeira sem saída, o clima era de incontida expectativa.

O aroma da macarronada inundava o interior da casa, esparramando-se desde a cozinha e fazendo bocas salivarem em deliciosa premonição.

As crianças — Sérgio, Esmazil, Airton, Marco, Edilson e Márcia — riam animadas:

— A macarronada da vovó!

— Eba!

— É a vó-ó! É a vó-ó! —

cantarolaram.

Macarrão, molho de tomate engrossado com carne moída, almôndegas, batata cozida, salada de maionese, pão a gosto. Uma visão do paraíso para estômagos famintos valorizada pelo fato da massa ter sido preparada, cortada e seca pela Vó Matilde, conforme aprendera com a italianada para a qual trabalhara certa feita. Nada de conservantes,

aromatizantes, estabilizantes, acidulantes e outros "antes". Seu marido, Vô Marcolin, era filho de italianos, porém, ela não compartilhava dessa descendência, sendo uma mistura de brancos — portugueses —, negros, índios e sabia-se lá mais o quê. Assim, o aprendizado que tivera cozinhando para terceiros do país da bota fora providencial.

— Esse almoço sai ou não sai? — gritou Tio Zé, o genro, da sala.

— Vem ajudar, preguiçoso, que sai mais depressa! — retrucou Vó Matilde.

— Não posso: estou segurando a parede para ela não cair!

Os outros homens riram, acompanhando os passes de bola pela televisão.

Vó Matilde resmungou qualquer coisa bem baixinho, afinal, havia crianças nas proximidades. Seus ouvidos eram como pequenos radares. Todavia, o gesto sugerido pelo cabo da colher de pau na mão dela foi bastante denunciador.

A mesa da cozinha fora levada para o quintal e aberta de modo a fazê-la maior a fim de acomodar todos os comensais. As cadeiras das filhas de Vó Matilde foram trazidas de casas vizinhas, formando uma mistura de estilos e formatos nada harmoniosa. Almoçar ao ar livre era outra tradição dos antigos que cruzara o Mediterrâneo e o Atlântico.

Vinho para os adultos.

Refrigerante para as crianças.

Frutas diversas e *mousse* de maracujá como sobremesa.

— Tá na mesa! — gritou Tia Ignez, filha de Vó Matilde.

Ao mesmo tempo, veio o coro da sala:

— GOOOL!!!

As crianças imitaram os adultos feito macaquinhos, correram, pularam e agitaram os braços:

— Gooool! Gooool! Gooool!

De tão animado, Airton, filho de Tia Dina, bateu a cabeça em uma prateleira junto à parede.

— *Catsol!* — retrucou Tia Ignez, referindo-se à bagunça, sem o recato da mãe e sem estar verdadeiramente zangada. — Vamos logo, cambada!

— Cambada! Cambada! Cambada! — gritou Marco, seu filho.

A algazarra generalizada ao redor da mesa não tardou. Conversas e risos cruzados, assuntos misturados, piadas, bobagens cotidianas, fofocas, discussão sobre o jogo e, inevitavelmente, antigas recordações.

Fugindo à regra, Vô Marcolin não era de muito falar. Figura apagada, o rosto magro, nariz proeminente e cabelos ralos traziam sempre um semblante introspectivo e algo tristonho. A vida escrevera em rugas no pergaminho de seu rosto todas as agruras de uma existência de dificuldades. Em seu íntimo, não compreendia e até sentia-se irritado pelo excesso de falatórios e risadas. Sorvia devagar seu pequeno copo de vinho tinto, sentindo o calor esparramar-se pelas juntas doloridas. Que tanto tinham para sorrir? Que tanto havia para tagarelar? Sobrava algum tempo para contemplar, refletir, apreciar, conhecer e compreender? Em boca fechada não entrava mosca, mas, em compensação, quanta besteira podia sair de bocas abertas... E os netos, então, que bagunceiros! Ia bem uma guasca nas pernas...

Então, Esmazil, o irmão mais velho de Airton e Edilson, provocou:

— E aí, vô? Fala alguma coisa!

O primo Marco emendou:
 — Conta uma história, vô!
 — Conta! — imitou Márcia, filha de Tia Adélia e Tio Alcides, irmã de Sérgio. — Conta uma história, vô!
 — Conta! Conta! Conta! — gritou o caçula da criançada, Edilson.

Sérgio, o mais velho entre as crianças, puxara o temperamento do Vô Marcolin e, a exemplo deste, permaneceu quieto em sua cadeira.

— *Zitto!* Deixem seu avô sossegado — protestou Tia Adélia, irmã mais velha e rechonchuda de Tia Dina e Tia Ignez, mas foi voz vencida.

Tia Dina, a mais tímida entre as irmãs, achou graça de tudo. Ajeitou os óculos num gesto habitual e degustou o seu Cinzano, apenas acompanhando a baderna com o olhar.

Não tardou para Tio Alcides, marido de Tia Adélia, e Tio Zé, marido de Tia Dina, concordarem. Afinal, um encontro familiar como aquele não acontecia todos os dias. Nada como ouvir alguma velha recordação dos tempos de mocidade.

Um punhado de bocas manchadas de molho de tomate sorriu, aguardando.

O velho patriarca, contrafeito, largou o copinho — segurava a custo entre os dedos tortos devido à artrite não tratada, embora ele culpasse os anos de serviço na fábrica —, emergiu de sua concha e fitou a todos, inicialmente a esposa, depois as filhas, genros e netos.

— Queria que Valente estivesse aqui — disse baixinho. — Ele adorava *spaghetti*.

Havia inúmeras histórias naquela família.

Algumas sobre fatos engraçados, corriqueiros, brigas homéricas, gravações em fita cassete, gafes em festas de casamento e mexericos de comadre.

Entretanto, outras eram mais obscuras, senão sinistras.

As fronteiras entre realidade, fantasia, certezas e mitos tornavam-se tênues.

Ora tendiam para um lado, ora pendiam para o outro.

Toda família possuía páginas assim, misteriosas, cinzentas...

... e, às vezes, o cinza perdia toda a luz.

Eram livros para serem lidos em silêncio; quando muito, aos sussurros.

Tanto do lado de Vô Matilde quanto do lado de Vô Marcolin existiam relatos estranhos, de acontecimentos ditos sobrenaturais. Se havia alguém cético, era uma exceção, pois a dúvida rapidamente era sobrepujada pelo temor. O genro, Tio Zé, certa vez assustara-se com uma pancada na porta do banheiro — externo à casa — e, quando saíra para ver quem era, não avistara viva alma. A própria Vô Matilde era dada a ver coisas, vultos, sombras de gente já falecida por exemplo. Já sua filha caçula, Tia Ignez, escutara passos virem em sua direção, enquanto estava na casa da irmã mais velha, Tia Adélia, todavia, não havia ninguém por perto naquele momento. Os passos vieram do fim do corredor, entre os quartos e a cozinha, passando pelo banheiro. Chegaram e pararam diante dela, deixando um silêncio frio e pesado no ar. E não se via nada! Nessa mesma casa, um dos filhos de Tia Adélia, Sérgio, jurava de pés juntos ter escutado numa noite a pesada porta do fogão abrir e fechar sozinha, rangendo feito a porta de um castelo mal-assombrado... e todos

já estavam dormindo. Sua irmã, Márcia, era dada a sonambulismos, deixando o primo Marco, filho único de Tia Ignez e mais novo que ambos, apavorado quando lá dormia, ao deparar-se com a prima de camisola, em pé sobre a cama, olhos arregalados e braços estendidos feito uma alma penada. E, ainda, certa feita, o pai de Márcia, Tio Alcides, cujo trabalho fazia-o levantar muito cedo, estava se barbeando quando, pelo espelho, avistara um vulto passar no corredor dos quartos em direção à cozinha. Acreditando que fosse a filha e estando escuro lá fora, chamara-a pelo nome, mandando-a retornar para a cama. Todavia, ao sair do banheiro atrás dela, descobrira não haver ninguém na cozinha e a menina encontrava-se deitada na cama, dormindo. Ele gostava de assustar as crianças a noite, desligando a chave geral da casa e, de lanterna acesa sob o queixo, ir atrás delas, chamando-as em voz rouca e pausada feito um fantasma, porém, no episódio do espelho fora a vez dele sentir um friozinho na barriga.

Entre esses e outros tantos relatos, havia a lembrança do assim chamado Tio Valentim, ou Tio Valente, como às vezes era referido num aportuguesamento do nome.

Seu nome significava exatamente isso: "valente", "cheio de saúde", "forte". Entretanto, quis o destino — ou uma consciente força do Mal — que tais virtudes fossem-lhe roubadas de uma maneira traiçoeira, inglória e, verdadeiramente, diabólica.

Essa era, pois, a sua curta e singular história...

Tio Valentim era o irmão mais velho de Vô Marcolin que, por sua vez, viria a ser pai das, assim apelidadas, "irmãs cajazeiras": Adélia, Virgínia (Dina) e Ignez. Primogênito de uma família imigrada do norte da Itália, na verdade, Tio Valentim era o único filho realmente italiano, pois os demais nasceriam em solo brasileiro.

No início do século XX, Tio Valentim, seus pais, Luigi e Lorena, e outros parentes foram trabalhar no interior paulista, em uma fazenda de café de um tal João Guilherme.

Luigi e Lorena chamavam seu filho de "o pequeno Dom Quixote", pois nascera prematuro e muito mirrado, a ponto de caber em uma caixa de sapatos. Sua sobrevivência havia sido uma incerteza, entretanto, o bebê lutara muito contra os moinhos de vento de seu infortúnio e prevalecera...

... E como!

Conforme contavam — e fazendo jus ao nome —, o Tio Valentim, embora jovem, tornara-se o maior e mais forte entre todos da *famiglia*. Tinha quase dois metros de altura, ombros largos e estrutura taurina, um verdadeiro gigante.

Na fazenda João Guilherme, era motivo de admiração.

— Ninguém colhe mais café do que o Valente — diziam.

— É um pé de boi! — elogiavam.

Ele também era capaz de carregar mais sacas do que qualquer um, não só da família, mas de toda a fazenda.

— Ninguém vence ele numa briga!

Era o que todo mundo acreditava, embora jamais tivessem presenciado, já que Tio Valentim, além de humilde, era de boa paz; um grandalhão dócil cujo maior sonho era ter um pedaço de chão,

sua própria casa e constituir uma grande família.

Essa admiração exacerbada acabou gerando uma fama involuntária e atraindo a atenção de outras pessoas não ligadas à família e aos lavradores.

Entre elas, estava aquela que viria a ser a sua nêmesis:

A jovem Carolina.

— Como você é forte e bronzeado... — dizia ela, cada vez que ele passava de carroça em frente ao seu vistoso casarão. — Ei, grandão!

Tio Valentim, homem trabalhador, alegre, porém tímido, nada respondia além de um acenar de cabeça respeitoso, tocando a ponta dos dedos na aba de seu chapéu e seguindo em frente.

Carolina, filha única do fazendeiro, era moça volúvel, mimada e namoradeira. Sempre bem penteada, bem vestida e bem perfumada. Crescera ouvindo as histórias dos muitos escravos que a fazenda possuía e como podia-se fazer deles o que bem entendesse, pois, nos tempos anteriores à abolição, não eram considerados pessoas, mas mera propriedade. No boca a boca, rodavam muitas histórias de meio-tios e até meio-irmãos mulatos que ela teria. Essa época havia ficado para trás, entretanto, na cabeça dela, os imigrantes que substituíram os escravos não eram muito diferentes: não tinham posses, precisavam obedecer às ordens de seu pai e do capataz, Francisco, viviam paupérrimamente e dependiam completamente da fazenda, presos a dívidas que jamais saldariam.

Em teoria, eram livres...

... a prática, porém, dizia outra coisa.

Pertenciam ao fazendeiro João Guilherme.

Pertenciam a sua filha, a jovem e fogosa Carolina.

E sua vontade caprichosa saberia fazer bom uso deles.

— Principalmente esse tal de Valente — murmurou ela, sorrindo.

Como dizia o provérbio, quem não tinha o que pensar, pensava bobagem.

E isso não haveria de ser diferente em relação a dondoca Carolina.

Entediada a maior parte do tempo, farta dos livros de Machado de Assis e José de Alencar que seu pai insistia em encomendar da capital, e desejando viver mais uma aventura que trouxesse um colorido à futilidade de sua vida, certa tarde enrabichou-se mais incisivamente para os lados de Tio Valentim.

Como fazia regularmente, ele passou de carroça nas proximidades do casarão, levando dúzias de sacas de café que seriam estocadas no depósito mais adiante.

Havia sido um dia bastante quente e ele sentia-se muito cansado, embora satisfeito do dia de trabalho cumprido. Ansiava pelo banho frio da água de poço e uma boa dormida na cama de palha.

Carolina debruçou-se sobre a janela, deixando expor àquilo que o decote de seu vestido muito insinuava. Embora jovem, já sabia o quanto a visão do colo de uma mulher seria capaz de hipnotizar um homem. Todavia, para seu desapontamento, os olhos de Tio Valentim mantiveram-se ocultos sob o chapéu de palha. Então, decidiu-se por outra estratégia sobre a qual lera a respeito em um de seus livros. Correu a apanhar um lenço de seda em sua

penteadeira. Era lilás e, segundo o comerciante de quem comprara por uma soma razoável, viera direto da China, fosse isso lá onde fosse. Voltou para o parapeito, segurou-o entre a ponta do indicador e do polegar do lado de fora da janela e, soltou-o com fingida surpresa.

— Oh!... Caiu... — gemeu, afetada.

O lencinho deu voltas ao sabor do vento vespertino e pousou pouco adiante da carroça.

Tio Valentim, pensamento ocupado a lembrar os afazeres da fazenda, os deveres no cafezal e uns serviços de reparo no rústico barracão em que ele e a família moravam, viu de soslaio aquele pedaço de pano cair, mas fez que não percebeu. Seguiu caminho, nem lerdo e nem apressado, e uma das rodas da carroça passou exatamente por cima do caro e mimoso lencinho de seda de Carolina.

Esta ruborizou de raiva.

— Ah, seu italiano imundo metido a besta! — resmungou entre os dentes. — Quem pensa que é? Esse lenço vale mais do que tudo o que você tem na sua choupana.

"Choupana", era uma boa palavra, Carolina aprendera recentemente em um romance de José de Alencar. Ficou satisfeita por ter encontrado uma frase onde aproveitá-la.

Tio Valentim, homem correto, humilde e digno, não era cego e, tampouco, tolo. Não desejava meter-se em apuros diante do patrão por causa de uma mocinha dengosa e, assim, prejudicar não somente a si próprio, mas toda a sua família. Fazia-se, pois, de parvo, de surdo, de desentendido.

Isso prosseguiu por mais alguns dias.

Filhos de outros fazendeiros vinham de longe cortejar Carolina, anunciando seus dotes, entretanto, ela mal prestava atenção. Cada um deles teria a sua vez. Por ora, ela estava ocupada em tentar seduzir aquele imenso rapaz da roça que mal dava conta da existência dela. Apaixonada? Em absoluto! Era um jogo, um desafio, um entretenimento. E ela nunca perdera uma partida. De praxe, após alcançar seu objetivo, simplesmente dispensava a pessoa como quem atirava fora um papel de embrulho ou uma casca de banana. Mas, enquanto isso não acontecia, empenhava-se a fundo em sua meta, até alcançar a vitória, contar vantagem às amigas e rir-se a valer depois.

Por fim, ante as repetidas indiferenças do jovem imigrante, a filha do fazendeiro decidiu tomar uma medida drástica.

"Dessa vez, não haverá de falhar", pensou.

Era tarde.

Conforme a rotina na fazenda, lá vinha Tio Valentim conduzindo a parelha de cavalos e um volumoso carregamento de sacas de café.

Carolina trepou na janela e pendurou-se do lado de fora.

— Socorro! — gritou.

Uma criada surgiu na porta do quarto e correu em direção à janela.

— Oh, patroazinha! Deixe-me ajudá-la.

Carolina olhou-a enraivecida.

— Some daqui! — ralhou.

A outra, esticando os olhos, observou a carroça aproximar-se. Logo entendeu e saiu do quarto, desejando

intimamente que a mocinha caísse e quebrassem as pernas.

— SOCORRO! — repetiu Carolina, mais alto.

Tio Valentim, cabisbaixo e introspectivo como de costume, sentiu que puxavam-lhe a manga da camisa.

Olhou para o lado.

Era seu irmãozinho, José, futuro Vô Marcolin e pai das "irmãs cajazeiras". Vez ou outra ele acompanhava Tio Valentim, menos para ajudar — desmilinguido que era — do que para estar junto do irmão e aproveitar o "passeio".

Tio Valentim franziu o cenho.

— *Quello che era?*

— Lá! — apontou a criança.

A princípio, o jovem ficou contrariado. Viu-se despertado de seu belo devaneio. Pensava na ocasião em que, através de estradas poeirentas e sinuosas, viajara com o pai de Vêneto para Toscana e o quanto maravilhou-se ante a visão dos vinhedos e ciprestes. O Sol despontava por trás das colinas, clareando a neblina dos vales verdejantes. Havia no ar o frescor de mato molhado pelo orvalho; a brisa batendo no rosto, carregada de antigas histórias. Era o mais próximo do paraíso que o jovem italiano jamais estivera. Infelizmente, a situação precária em que viviam, o aumento da população, a falta de emprego e a fome obrigaram a família a embarcar no fedorento porão de um cargueiro para o Brasil, país que oferecera inúmeras promessas de terra e prosperidade para todos. Agora, tinham trabalho, porém, ainda estava para ver alguma das promessas ser cumprida.

Fitou aquela mocinha pendurada no parapeito da janela. Na verdade, não sofria perigo algum. Se quisesse, poderia

apoiar seus pés numa das saliências em estilo barroco do casarão. A janela situava-se a apenas três metros de altura. Quando muito, se caísse, ficaria com o traseiro dolorido, o vestido sujo e o orgulho ferido. Contudo, se batesse a cabeça em um dos vasos que ornamentavam os arredores...

— *Ragazzina stupida!*

Deveria continuar a ignorar e deixar aquela moçoila desocupada do jeito que estava. Todavia, se ela de fato despencasse e viesse a se machucar, estando ele por perto sem nada ter feito...

Fora pêgo na arapuca.

Tio Valentim pensou no quão perigosa, além de inconsequente, podia ser uma criatura assim. Freou a carroça, respirou fundo e saltou.

— *Deve rimanere qui*, José — falou ao irmão.

O menino anuiu, olhar arregalado.

Não fazia idéia o gigante italiano do quão perigosa Carolina poderia ser...
... Porém, iria descobrir.

— Dona Carolina — disse com seu forte sotaque. — Vou ajudar!

— Depressa! — gritou ela em fingida aflição. — Não sei até quando vou aguentar.

— *Aspetta un attimo*. Coloque os pés ali na *sporgenza*... na saliência, *per favore*.

Isso evitaria qualquer risco.

Ela fez-se de surda. Gemeu.

— Rápido, Valente! — gritou o garoto mirrado.

Tio Valentim, no alto de seu um metro e noventa e cinco centímetros de altura, quis alcançar a cintura de Carolina. Devido ao decoro, relutava em tocar-lhe

os tornozelos ou as pernas, embora intimamente pensasse no quanto aquela criatura merecia umas palmadas.

A moça, percebendo o embaraço do jovem e ciente de que estava em uma posição segura, soltou-se do parapeito e deixou-se cair nos braços musculosos.

Tio Valentim arfou, pois não estava preparado para isso.

Carolina enroscou-se no pescoço moreno e suado feito uma bacante.

— Meu salvador!

A apreensão apoderou-se do jovem imigrante. Leu nos olhos da moça que esta pretendia beijá-lo. Assustado, soltou-a bruscamente, por pouco não a fazendo cair ao chão.

— *Scusi, signorina* — desculpou-se. — *Ho bisogno...*

— Pare de falar em italiano. Está no Brasil, grandão. Eu sei que tem estudado o Português e que me entende. São idiomas irmãos, não são? Diferente daquela gente de olhos rasgados. Terá um baile no salão principal no próximo domingo e quero que venha dançar comigo.

— *Non capisco...*

— "Capisca" sim que eu sei!... Baile... *BALLO! Domenica. Noi due.* Você virá, senão, direi que tentou me agarrar.

E, sem dar tempo para Tio Valentim gaguejar alguma desculpa, Carolina correu saltitante até a escadaria do casarão, satisfeita por ter encurralado a sua presa e pelo queixo caído dele ao dar-se conta de que ela aprendera algo de italiano.

— *Mio Dio...* — gemeu o rapagão.

Esfuziante, Carolina retornou ao seu quarto, indo direto à penteadeira. Deu uma piscadela brejeira ao próprio reflexo e passou a arrumar o penteado. Sorriu.

— Espertinha... Viu só a cara dele? — Riu a valer.

A recordação dos braços tonificados segurando-a não saiu de sua mente. Teve certeza de que bastava um deles para enlaçar toda a sua cintura.

Suspirou.

Seus olhos cintilaram.

Até que ele não era de todo ruim.

Ficou louca para exhibir o seu mais novo troféu.

Não tardou a espalhar a novidade a todas as suas amigas.

Divertia-se com a inveja alheia e fazia de tudo para provocá-las.

O domingo chegou.

Carolina, cercada pelas filhas e filhos de fazendeiros da região, pavoneava toda a sua vaidade de um grupo a outro. Usava um vestido longo, de cintura alta e um amplo chapéu adornado de penas. Abanava-se com um leque que tanto servia para refrescá-la do calor quanto ocultar o seu sorriso maroto.

Uma das amigas provocou-a:

— É verdade, querida, que seu novo par é um troglodita?

— Dizem que é um gigante! — exclamou outra.

— Ah, lembram-se do que dizem? Corpo grande é sinal de cérebro pequeno.

— E quem disse que Carol está preocupada com o cérebro dele?

E riram maliciosamente.

Carolina, como sempre, sentia-se o centro da festa.

A expectativa só aumentou conforme o tempo passava.

João Guilherme, o pai, aturava os caprichos da filha, afinal, era a sua única filha, oficialmente falando. Quisera poder reconhecer Francisco, seu capataz mulato, quase o dobro da idade da menina. Era um bom homem, muito leal e João Guilherme gostava dele. Mas eram outros tempos e certas verdades deveriam para sempre permanecer ocultas, inclusive do próprio Francisco; um acordo tácito que a mãe deste, sem opção, jurara aceitar.

Os minutos avançaram.

As horas, enfim, escoaram.

E, agora, a festa atingiu o auge.

Os primeiros acordes foram ouvidos.

O baile teve início.

Casais puseram-se a dançar.

Nada de Tio Valentim aparecer.

Alguém começou a fazer chacota: uma das "amigas".

— Credo, Carol, sequer um homem da caverna te quer?

Rapazes anteriormente rejeitados por ela fizeram coro, sequiosos por devolver a desfeita.

— Se nem ele a quer, a coisa deve ser mesmo muito ruim...

— Ainda bem que tu não aceitaste o meu convite. Sorte a minha.

— Eu que o diga! Graças a isso, conheci Dorotéia. Ela sim é mulher!

— Suponho ter o brutamontes assustado-se tanto que voltou à Itália a nado...

E riram e riram e riram.

Carolina, exasperada, mandou um dos empregados ir atrás do italiano.

Retornou meia hora depois, afirmando que não o encontrara em parte alguma. Os parentes haviam dito que ele se embrenhara no cafezal, embora fosse

dia de folga, e de lá não dera notícias. Sequer retornara para o almoço.

O baile prosseguiu sem a presença do jovem imigrante.

Todas as moças dançaram alegres com seus pares.

Pares novos e sorridentes se formaram no salão.

Todas sentiam-se sedutoras, vivas e felizes.

Exceto Carolina, sozinha em seu canto.

Ignorada.

Humilhada.

Enraivecida.

— Isso não vai ficar assim...

O leque despedaçou-se em suas mãos.

E, em meio ao seu ódio, antes mesmo da festa terminar, ela planejava.

— Francisco! — chamou depois de tudo encerrado, enquanto as criadas limpavam a sujeira. — Preciso que faça algo para mim junto aos seus irmãos de credo...

— É muito perigoso, patroazinha — advertiu. — Eu não creio...

Ela interrompeu-o num gesto brusco.

— Não fiz um pedido. Ouça e cumpra.

E ele ouviu.

Foi naquele fatídico final de tarde que o Mal teceu a sua trama.

Quanto a isso, tratava-se de uma sujeira que criada alguma conseguiria limpar.

Segunda-feira.

Amanheceu cinzento feito uma premonição.

Quando todos os trabalhadores já se encontravam na labuta em meio ao cafezal, novamente Carolina ordenou que o italiano fosse trazido a sua presença. Advertiu que, se o jovem estrangeiro não fosse encontrado, o empregado nem precisaria retornar ao casarão, pois ela iria certificar-se de que o pai cuidaria disso.

O empregado saiu a galope todo esbaforido e retornou após algum tempo, trazendo o Tio Valentim na garupa.

O imigrante encontrava-se visivelmente embaraçado, só esperando pelo pior.

Não havia como ele ter ido àquela festa. Suas roupas eram roupas de trabalho, andrajos praticamente. Era um homem simples, acanhado, de pouca instrução — ao contrário de seu pai, Luigi, admirador da obra-prima de Cervantes¹ —, embora fosse dotado de uma natural dignidade mediterrânea, sedimentada pela secular educação da família.

Não sabia dançar.

Não sabia que talher escolher à mesa.

Não tinha assuntos sofisticados a dizer e tampouco vontade de escutar frivolidades ou fanfarrônicas.

Sentir-se-ia um intruso, uma nódoa absolutamente estranha àquele lugar e àquela gente. Seria humilhado para além do suportável.

E tudo para atender à extravagância egocêntrica de uma mocinha mimada.

Então, optara por sumir. Embrenhara-se no cafezal, atravessara uma mata fechada e passara as horas seguintes à margem de um rio, cujo

movimento das águas apaziguaram sua inquietude de espírito.

Respirou fundo e foi de encontro à jovem patroa.

Era um gigante perto dela, entretanto, sentia-se pequeno.

Carolina aguardava-o sob a varanda, sentada diante de uma mesa de ferro fundido onde o café da manhã fora-lhe servido.

Tio Valentim ficou surpreso em não ver o fazendeiro João Guilherme, considerando-se a ameaça que a moçoila fizera. No caminho, chegara a cogitar de trazer o pequeno José a título de testemunha. Tirou o chapéu de palha e foi logo dizendo:

— *Signorina, io...*

Ela levantou uma das mãos.

— Poupe-me de suas desculpas.

Está tudo bem, desde que tome um café comigo. Sente-se.

— *Io non posso...*

— SENTE-SE! — mandou.

O empregado que trouxera o italiano tremeu e retirou-se sem ser notado.

Tio Valentim, homem simplório, ficou rubro feito um morango silvestre. Não desejando fazer mais uma desfeita, obedeceu.

Ela recompôs-se e, usando a ponta dos dedos, empurrou-lhe uma xícara de louça fina sobre um pires laboriosamente ornamentado.

— Beba. Depois, nunca mais nos lembraremos desse triste episódio. Sou boazinha e não guardo rancor: sua família não será expulsa daqui da fazenda. Porém, encontre outro caminho para passar com a carroça que não seja sob a minha janela.

Dizendo isso, ela tomou um gole de sua própria xícara, enquanto

¹ "Dom Quixote de la Mancha" (*El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*), Miguel de Cervantes Saavedra, 1605.

observava o outro imitar o seu gesto. Viu-o franzir a testa, entretanto, sob o olhar intimidador de Carolina e ante o poder que ela representava, terminou de sorver o líquido escuro.

— Ótimo! — disse ela satisfeita. — Agora, retire-se daqui e retorne ao trabalho.

Como Tio Valentim poderia ter adivinhado?

A moça, sentindo-se rejeitada e movida pela raiva, recorrera a um artifício sombrio e sórdido para concretizar a sua vingança.

Cruel.

Covarde.

Aterradora.

Pois não fora da primeira mulher que a Serpente recorrera a fim de induzir o homem a desviar-se do caminho do Bem?

E, enquanto observava aquele homem sumir e retornar a pé ao cafezal, Carolina, tamborilando os dedos sobre o tampo da mesa, disse para seus botões:

— Veremos quem é que pode mais em minhas terras... grandão.

Mais tarde, após um longo e agourento dia de trabalho, Lorena, mãe de Tio Valentim, perguntou-lhe:

— Valentim, *stai bene?*

— *Non lo so, mamma.*

Ele parecia bastante abatido. Mal tocara o jantar.

O pai, Luigi, insistiu que ele falasse.

Trêmulo, sob a luz dos lampiões, o jovem contou tudo o que ocorrera até o episódio do café. Balançou a cabeça e fez uma careta. Ele achara aquele café diferente, muito esquisito.

— *Strano* como, Valente? — indagou seu irmão mais mirrado, José Marcolin.

Sem se conter, Tio Valentim exclamou:

— *Il caffè sapeva di sangue!*

Todos arregalaram seus olhos.

As sombras adensaram-se nos cantos.

O pequeno José achou que não ouvira direito.

— Gosto de sangue?

Tio Valentim acenou com a cabeça em confirmação.

— Sangue! — falaram em coro os outros irmãos.

Os pais, muito católicos, fizeram o sinal da cruz.

— *Vergine Maria!* — falou a mãe.

— *Maledetta!* — disse o pai. —

Quella puttana...

Os irmãos de Tio Valentim fitaram-no preocupados e tornaram a dizer num murmúrio assombrado:

— Sangue...

Uma rajada de vento penetrou no barracão e, apesar do anteparo de vidro, apagou a chama de um dos lampiões.

Todos já tinham escutado histórias sobre os escravos e os rituais trazidos da África envolvendo sacrifícios, tambores e cantorias. Acreditavam que, a exemplo do Coliseu, nada de bom poderia vir da imolação de um pobre animal. E todos rezaram o Pai Nosso sobre a parca mesa de jantar.

Naquela noite, choveu copiosamente.

Relâmpagos riscaram o céu feito bastões de fogo.

Sucessivos trovões fizeram as tábuas do barracão tremerem.

E o vendaval gemeu e gemeu pelas fissuras qual uma procissão de mortos.

Infelizmente, apesar da oração, não tardou para que a vingança de Carolina, essa fútil e cruel filha do Mal, tomasse forma.

Tio Valentim começou a apresentar sinais de perder o juízo.

A princípio, sua memória tornou-se confusa, misturando fatos, esquecendo-se de outros, imaginando acontecimentos que não existiram. A seguir, passou a não falar mais coisa com coisa, como se estivesse embriagado, algo que jamais ocorrera, pois, quando muito, tomava somente um caneco de vinho tinto nas ocasiões festivas.

— *Mio piccolo* Dom Quixote! — choramingava a mãe, Lorena, inutilmente.

José — futuro Vô Marcolin — assistia consternado à transformação do irmão mais velho. Ainda recordava-se vivamente de quando este salvara-o de uma jibóia que, certa feita, surgira no cafezal. Arriscando a própria vida, Tio Valentim — fazendo jus ao nome — apanhara o réptil numa das mãos e, dada a sua força prodigiosa, estrangulara a criatura assim como fizera o Hércules da mitologia ao matar duas cobras em seu berço. Tio Valentim era, pois, uma espécie de herói mítico para o franzino José. E este, sentia-se o seu pequeno Sancho Pança, sem a pança. E era com muita tristeza que via o seu ídolo desmoronar paulatinamente sob a adaga de um inimigo invisível, uma outra espécie de serpente contra a qual Tio Valentim não conseguia combater.

Breve, tornou-se claro que o primogênito — antes enorme, vigoroso e trabalhador — deixara de estar apto para o serviço.

Passou a meter-se no cafezal, a berrar e a rasgar as próprias vestes. Seus

olhos desvairados reviravam-se nas órbitas. Suas mãos em garras assumiam estranhas posições, como se fossem guiadas por outra vontade que não a sua. Seu rosto virava para um canto, depois outro, vendo coisas que somente ele enxergava.

— *Povero ragazzo!* — diziam seus compatriotas.

Tiveram de mantê-lo trancado dentro do barracão a maior parte do tempo, pois além de não cumprir suas obrigações, assustava os demais lavradores. Precisaram trabalhar mais ainda para compensar a falta de mão-de-obra de Tio Valentim.

Luigi, quis tirar satisfações com a filha do fazendeiro, todavia, foi impedido pela mulher em razão dos outros filhos e das dificuldades em conseguir trabalho.

— *Chi la fa l'aspetti* — disse ela, mencionando um velho provérbio.

Ele afastou-se, indo descontar sua revolta na bebida.

A pobre Lorena não via mais onde remendar as roupas do filho de tanto que já rasgara. Desalentada, perguntava-lhe por que fazia aquilo.

No limiar entre a consciência e a demência, Tio Valentim berrava:

— *Cose montate sulla mia spalla!*

E tornava a levar as mãos para trás, como se quisesse arrancar algo que estivesse ali, atormentando-o.

Que coisas seriam essas que o infeliz italiano via montadas em seus ombros?

Lorena orava e orava, não sabendo mais o que fazer.

Esse inferno em vida perdurou vários anos.

O tempo passou numa voragem.
Os irmãos de Tio Valentim
cresceram.

Seus pais, em anos de luta,
envelheceram.

José Marcolin enamorou-se de
outra trabalhadora da fazenda, uma moça
morena e cheia de energia de nome
Matilde.

A princípio, os parentes desta
protestaram.

— Vai morar no mesmo barracão
daquele louco?

— Ficou louca, Tidinha?

— Larga ele, mulher!

Fora em vão.

Casaram-se.

Tiveram três filhas: Adélia,
Virgínia e Ignez. Embora muito novas —
a caçula era ainda bebê de colo —, elas
morriam de medo do tio, contudo, nos
raros momentos de lucidez, o antigo Tio
Valentim emergia, dando mostra do
homem bom, humilde, gentil e tímido
que um dia fora. E afagava os delicados
cabelos das sobrinhas, olhar perdido em
um tempo e lugar muito distantes dali.
Então, no momento seguinte, como em
uma triste paródia de "O Médico e o
Monstro"², emitia um misto de grito,
uivo e lamento, fazendo gelar o sangue
de todos ao redor. E toda a maldade que
se abatera sobre ele e a família em razão
daquele "café de sangue" retornava e o
suplício de Tio Valentim recomeçava.

O vigor, a juventude e a saúde
foram-lhe drenados.

Os anos de sofrimento e penúria
transformaram-no em farrapo.

Tornou-se mera sombra desbotada
do homenzarrão que um dia fora.

Seu tormento sem culpa só foi
cessar quando contava cerca de quarenta
anos.

Tio Valentim faleceu de uma
enfermidade, após passar o dia inteiro
sob um temporal, a urrar para os
relâmpagos e os trovões, mãos crispadas
para o céu. Tanto poderia ser um desafio
às forças que o consumiam quanto um
apelo a implorar às alturas por libertação.

Não houve remédio caseiro que o
curasse e nem cobertor que o aquecesse.

Como se não bastasse o trabalho
duro na roça e as promessas não
cumpridas dos patrões, naquela época a
dificuldade de assistência médica e
recursos eram enormes.

Nada na terra pôde salvá-lo.

Talvez tivesse sido melhor assim.

Mas não havia consolo para a
família.

Pois o "assim" não era para assim
ter sido.

Luigi, Lorena, filhos e netos
ressentiram-se da perda, especialmente o
já não tão pequeno, embora ainda
franzino, José. Para Luigi e a esposa, a
amargura da perda veio acompanhada da
consciência dele ter sido o único filho
nascido na terra natal. O último vínculo
com a velha pátria a um oceano de
distância, todas as suas recordações,
todas as suas alegrias, esperanças,
decepções e amarguras.

— *Addio, figlio mio.*

A essa altura, Luigi substituíra o
sabor do vinho pelo torpor da cachaça.

Restou somente a esperança de
que a alma do falecido reencontrasse na
morte a paz que fora-lhe furtada em vida.

² *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, Robert Louis Stevenson,
1886.

Entretanto, havia muito fora escrito que aquele que para o Mal apelava, tanto quanto aquele que da espada fazia uso, por ele seria igualmente enredado e apanhado.

O Mal não fazia nada sem exigir algo em troca. E, podendo lucrar através de ambas as partes, melhor ainda.

Levou quase duas décadas, mas, enfim, o ditado enunciado por Lorena fez-se cumprir.

"Aqui se faz, aqui se paga."

A desgraça abateu-se sobre a fazenda.

Movido pela superprodução de café e a queda vertiginosa dos preços do produto, lentamente, o fazendeiro João Guilherme foi perdendo tudo, mergulhado em dívidas que não paravam de crescer.

Credores tomaram-lhe o casarão, as terras, o orgulho, as amizades.

Numa noite, entre cartas de cobranças e ultimatos, tomado pelo desespero, matou a esposa com um tiro de espingarda e, a seguir, enforcou-se no mesmo salão onde, certa feita, ocorrera o baile. Deixou a filha única viver, movido talvez por um resquício de misericórdia.

Francisco, o capataz, bem como a criadagem fugiram do lugar para não mais retornar e ninguém mais saber. Levaram consigo seus segredos, suas genealogias, seus ritos, seus rancores e a memória dos ancestrais percidos na velha senzala cujas correntes jamais deixaram de tilintar.

De tanto pavonear e sem saber — ou querer — escolher, Carolina jamais se casara. Boatos sobre o que ela fizera ao italiano espalharam-se e contribuíram para afastar pouco a pouco os possíveis namorados até ninguém mais vir procurá-la.

A juventude se foi.

Sua beleza desapareceu.

Restou a fealdade de seu mal.

O pesadelo da miséria abriu suas portas.

Quanto ao gesto piedoso do pai, o tempo cuidaria de transformar na maldição de Carolina.

Essa infeliz e orgulhosa desgraçada, cujo negror de sua alma sorvera do cálice do demônio, terminaria seus dias em um bordel, prostituindo-se, cercada de homens cujo dote era infinitamente menor e mais asqueroso do que aquele que seus antigos pretendentes um dia ofertaram. Morreu aos cinquenta e seis anos, acometida por uma longa e dolorosa doença do pecado. Sofreu, assim, de uma moléstia do corpo, pois, quanto ao espírito, este já viera enfermo desde o berço.

A família de Tio Valentim tampouco deixaria de passar por novas provações.

Sem trabalho nas fazendas, dirigiram-se a custo para a capital paulista.

Miniatura da migração que os obrigara a navegar pelo Atlântico.

Luigi encontrou serviço em uma fábrica, todavia, certo final de tarde, embriagado em um bar, meteu-se numa briga e matou a facada outro freguês, um turco. Cumpriu vários anos de prisão na penitenciária do Carandiru.

Lorena, a infeliz esposa, desesperada, por algum tempo viu-se obrigada a ir para as ruas acompanhada dos filhos desempregados. Puseram-se a pedir esmola, o que viria a deixar um trauma permanente no franzino José Marcolin na forma de introspecção, vergonha e melancolia.

Demorou, mas gradualmente pais e filhos superaram as dificuldades.

Luigi e Lorena faleceram alguns anos após o término da II Guerra Mundial.

José e Matilde, depois de muito sacrifício, adquiriram uma casa na Vila Medeiros.

Os outros irmãos de José seguiram seus caminhos pelo país afora, perdendo-se o contato.

Vô Marcolin calou-se.

Ao redor da mesa, todos os olhares depositavam-se sobre si.

Tomou o último gole de vinho. Sentia-se cansado. Falara demais. Seu olhar opaco e longínquo pensava em uma outra época, um outro lugar e uma outra mesa ao ar livre, igualmente grande, porém, feita de tábuas, onde vários rostos e risos se reuniram nos finais de semana ao redor de um caldeirão de ferro cheio de macarronada. Rostos queimados de sol, exaustos, felizes. Milhares de pés de café perdiam-se de vista. A brisa soprava ligeira. As conversas prolongavam-se muito depois de todos encontrarem-se satisfeitos. Levou a mão torta ao rosto magro, tocando suas rugas. Restara algo da criança serelepe que um dia fora? Naquele tempo, ele sorria muito, tagarelara bastante, fizera bagunça e não houvera um *nonno* para aplicar-lhe uma boa guasca nas pernas magricelas. Tanto tempo! E Valente? Tão alto, tão forte, tão airoso... Concluiu no seu jeito vacilante de falar:

— O Mal tem inúmeros filhos, mas um único pai...

Vó Matilde levantou-se e depositou uma das mãos sobre o ombro

do marido. As recordações haviam-na afetado também.

A tarde de domingo avançara sobre a casa de ladrilhos vermelhos.

O resto de macarrão esfriara entre sobras de salada, batata cozida e farelos de pão.

Moscas ziguezagueavam preguiçosamente, refestelando-se diante daquela fartura.

Garfos, colheres e facas aquietaram-se em seus pratos num derradeiro e melancólico tilintar.

A alegre algazarra diminuía ao nível de um murmúrio e, então, o silêncio absoluto fizera-se lugar, o que era surpreendente em razão das crianças. Até Marco, o mais espoleta do grupo, aquietara-se.

Olhares interrogativos foram trocados.

O ancião, na dignidade de sua pessoa simples, alquebrado, frágil, recurvado sob o peso dos anos e das lutas, mãos tortas no contínuo manuseio das máquinas e na dor das juntas, continuou recolhido as suas memórias. Sua figura era a de um velho cansado, exaurido, consumido pelas lembranças. Observou o seu prato ainda pela metade de macarronada e almôndegas. — Verdadeiro banquete para quem, um dia, chegara a sentir o suplício da fome. — Fincou o garfo numa almôndega, rolou-a no molho e, vagarosamente, levou-a até os lábios murchos, degustando, sentindo-lhe o sabor e a inenarrável satisfação que provocava.

— Valente também gostava de *polpetta* — murmurou.

Uma das crianças despertou, erguendo a cabeça.

— "Pôr teta?" — sussurrou o neto caçula, Edilson, confuso.

— Psiu! — censurou-o Airton. —
Quieto, sagui.

— Deixa ele, Pezão — disse
Esmazil, mencionando o apelido. —
"Pôr teta"... Há! Há! Há!

— *Cáspita*, cambada! — falou
Marco.

— Marco! — repreendeu—o a
mãe, Tia Ignez. — Quem foi que te
ensinou isso?

— A senhora, mãe. Escutei outro
dia.

— Pois não repita mais isso.

A prima Márcia beliscou-o por
baixo da mesa.

As inúmeras rugas no rosto de Vô
Marcolin disfarçaram-lhe as lágrimas,
porém, foi traído pelo brilho em seus
olhos.

Apesar de tantos e tantos anos
decorridos, ainda sentia falta do irmão
mais velho. E repetiu as palavras que, um
dia, ouvira de sua mãe:

— *Mio piccolo* Dom Quixote...

As articulações doíam, entretanto,
nada significavam diante do dolorido em
seu peito.

Todas as famílias possuíam as suas
histórias.

Alegrias e tristezas se confundiam;
sacrifícios e descanso, guerra e paz, vida
e morte, o natural e o extraordinário se
mesclavam. Mas no cerne de cada drama
maior ou menor, simples ou inacreditável
situava-se o coração humano, a alma
infatigável que, apesar dos espinhos, não
buscava descanso enquanto o último
suspiro alimentasse o seu espírito.

Todos os demais parentes ao redor
daquela mesa — Vó Matilde, Tio
Alcides, Tio Zé, Tia Adélia, Tia Dina, Tia
Ignez, Sérgio, Esmazil, Márcia, Airton,
Marco e Edilson — puseram-se a refletir,
cada qual ao seu modo mais ou menos
profundo, adulto ou criança, velho ou
jovem, sobre o parente desaparecido e o
seu desafortunado destino.

— Coitado — falou Tio Zé,
habitualmente brincalhão. — Pobre
coitado.

Tio Alcides concordou, meneando
a cabeça.

Cada um deles já vinha escrevendo
suas próprias histórias. Muitas páginas
ainda se seguiriam, cujas palavras,
períodos e parágrafos falariam de dor e
amor, conquista e desapontamento,
generosidade e mesquinhez, humildade e
orgulho, mágoa e contentamento.

Por ora, puseram-se a questionar
não sobre suas próprias vidas, mas na
daquele homem: o jovem italiano cujos
sobrinhos-netos sequer haviam
conhecido e do qual uma fotografia
tampouco existia.

Tio Valentim.

O gentil gigante que, a exemplo do
homem de La Mancha e sua canção³:

Sonhara o sonho impossível.

Combatera o inimigo imbatível.

Suportara uma dor insuportável.

E fora aonde os corajosos não se
atreveram a ir.

³ "O Sonho Impossível" (*The Impossible Dream*), Mitch Leigh/Joe
Darion, 1966.

NOTA DO AUTOR: Quem não guarda na lembrança os dias tempestuosos ou as noites de blecaute quando, ao redor de uma vela, alguém sugerira contar histórias de assombração? Conservo em mente o relato sobre uma bola brilhante percorrendo a vegetação — semelhante ao fogo fátuo —, de alguém a correr atrás dela até apanhá-la e, num canto tranquilo, abrir as mãos em concha para ver aquilo que capturara: uma pequenina mão de criança! Bem foi o que disseram. Outro caso falava de uma árvore que ao receber o golpe de um machado, em vez de seiva, vertera sangue... e gritara. Detalhes se perderam pelas décadas que se seguiram. Creio que muitas pessoas, várias famílias têm histórias assim, seja de "ouvir falar" ou por elas presenciadas. Luzes misteriosas vistas por meus falecidos avós paternos. Aparições testemunhadas por minha sobrinha. Exageros, enganos ou fantasias a parte, não é a veracidade o que mais importa, mas a emoção que transmitem e o sentido de união que algo assim, ao redor de uma vela ou de uma fogueira, desperta. "Tio Valentim" é, em sua maior parte, uma ficção. Tomei inúmeras "liberdades poéticas", inventei nomes, situações e diálogos que jamais ocorreram. Todavia, em seu cerne — a personagem título, o café de sangue ofertado por uma moça rejeitada e a perda da razão — faz parte das histórias familiares de minha esposa, Márcia Cristina Dias Schima, e pretendi aqui preservá-la. Às pessoas do bem e de carne e osso envolvidas, este conto é dedicado. Se havia veneno no café cujo gosto assemelhava-se ao sangue, se fora uma suposta obra de magia negra ou fruto de autossugestão, deixo a cargo dos químicos, místicos e psicólogos. A verdade, o tempo levou e soterrou. A emoção e a união cuidaram de não se deixar esquecer.

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2)

[text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2)

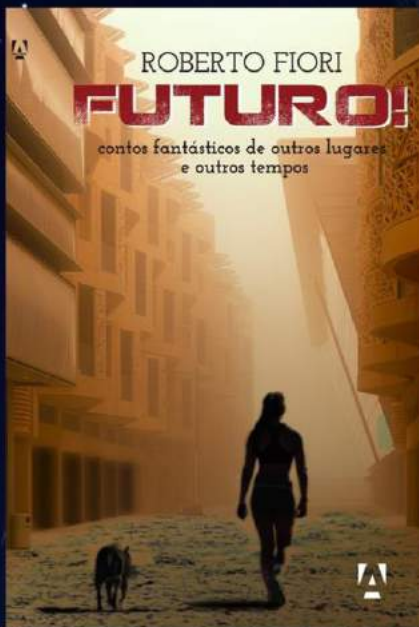
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com